

A LAVOURA

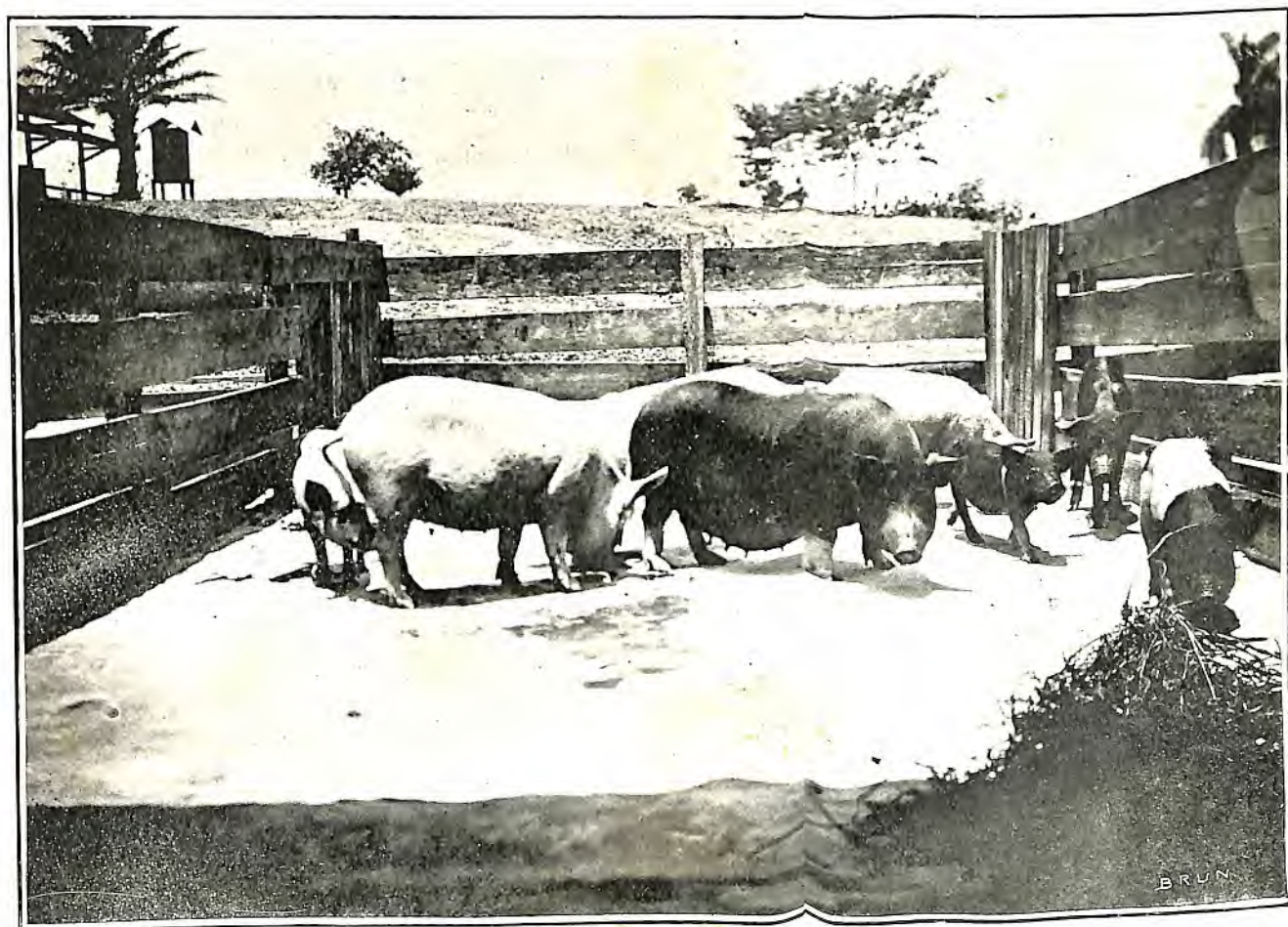
BOLETIM

DA

SOCIEDADE NACIONAL

de Agricultura

HORTO DA PENHA



PORCOS DA RAÇA YORKSHIRE (1 e 2 sangue)

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 10 DE JANEIRO DE 1897

Caixa-postal, 1245
Endereço Telegraphico, AGRICULTURA
Telephone n. 1416

Sede: Ruas da Alfandega n. 108
e General Camara n. 127
RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA

Presidente — Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello.

- 1º Vice-presidente — Dr. SYLVIO FERREIRA RANGEL.
2º Vice-presidente — Dr. JOSÉ RIBEIRO MONTEIRO DA SILVA.
3º Vice-presidente — Dr. ANTONIO PACHECO LILÃO.

Secretario Geral — Dr. FRANCISCO TITO DE SOUZA REIS.

- 1º Secretario — Dr. JOÃO FULGENCIO DE LIMA MENDELLO.
2º Secretario — Dr. BENEDICTO RAYMUNDO DA SILVA.
3º Secretario — ALBERTO JACOBINA.
4º Secretario — Dr. VICTOR LEIVAS.

1º Thesoureiro — CARLOS RAULINO.

2º Thesoureiro — Dr. JOÃO PEDREIRA DO COUTO FERRAZ JUNIOR.

Directores das Secções

Horto da Penha	Dr. Wenceslão Bello.
Secretaria	Dr. João Fulgencio de Lima Mindello.
Alcool e Museu	Dr. Benedicto Raymundo.
Secção Technica	Dr. Souza Reis.
Bibliotheca	Dr. Victor Leivas.
Plantas e sementes	Dr. Monteiro da Silva.
Propaganda e estatistica	Alberto Jacobina
Thesouraria	Carlos Raulino.

Collaboração

Serão considerados collaboradores não só os socios como todos que quizerem servir-se destas columnas para a propaganda da agricultura, o que a relação muito agradece. A lista dos collaboradores será publicada annualmente com o resumo dos trabalhos.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas em artigos assignados, e que serão publicados sob a exclusiva responsabilidade dos autores.

Os originaes não serão restituídos.

As communicações e correspondencias devem ser dirigidas á Redacção d'A LAVOURA na sede da Sociedade Nacional de Agricultura.

A LAVOURA não acceita assignaturas.

E' distribuida gratuitamente aos socios da Sociedade Nacional de Agricultura.

Condições da publicação dos annuncios

VEZES	MEIA PAGINA	UMA PAGINA
1	12\$000	20\$000
3	30\$000	50\$000
6	50\$000	90\$000
12	90\$000	170\$000

Os annuncios são pagos adiantadamente.

Tiragem 5.000 exemplares

SUMMARIO

	PAGS.
Cultura da seringueira	133
Galeria	136
A Pecuaria Nacional	139
O ovo na alimentação do homem	146
A Bananeira	149
A Cultura meehânica dos cafezaes	157
A Lavoura nos Estados	160
Fazenda modelo de Sapucaia	166
Lavoura no Estrangeiro	169
Noticiario	174
Expediente	187
Parte Commercial	196
Bibliotheca	202

Considerações sobre a cultura da seringueira na Ásia e no Brasil

O ultimo numero da revista — *The India Rubber World* — correspondente a 1 de março vigente (1910) traz os seguintes algarismos relativos á exportação da borracha proveniente das plantações de seringueira acclimada, no Ceylão e na península de Malaca:

	PESO EM LIBRA
Borracha da península de Malaca em 1905.	228.000
» » » » » 1906.	817.000
» » » » » 1907.	2.087.000
» » » » » 1908.	3.671.000
» » » » » 1909.	7.400.000
Borracha de Ceylão em 1905.	168.000
» » » » 1906.	291.000
» » » » 1907.	531.000
» » » » 1908.	832.000
» » » » 1909.	1.372.000

Como se vê, a produção da borracha da seringueira no extremo oriente tem tido um crescimento espantoso, porquanto, partindo englobadamente de 396.000 libras, em 1905, attingiu, em 1909, a 8.772.000 libras ou cerca de 4.000.000 de kilos, o que corresponde á undecima parte da exportação brasileira.

E' ainda muito modesta, não ha duvida, em comparação com a do Brasil, mas convém lembrar que as primeiras seringueiras que se conheceram na Ásia datam apenas de 1876, quando chegaram ao jardim botânico de Peradeniya, em Ceylão, aquellas, já hoje celebres, 1.919 planticulas da *Hevea brasiliensis*, que a administração dos Jardins de Kew para alli expedira.

Causa admiração que, datando de 34 annos a introdução da seringueira nas colonias inglesas da Ásia, já estas nos possam dar lição, não só quanto ao que diz respeito á cultura e exploração da arvore, como tambem quanto ao preparo da borracha, porquanto sabido é que o producto de Ceylão e Malaca obtém geralmente nos mercados mundiaes mais 8 ou 10 centavos por libra do que a melhor qualidade do Brasil.

O facto dá a pensar do que será o futuro, quando os ingleses, arrimados na sciencia e em fortes capitães, contarem em suas colonias algumas centenas de milhões de seringueiras em plena produção.

Não nos deixemos illudir com as vantagens naturaes de que dispomos. Vantajosas tambem são as condições das colonias americano-européas do meio-dia da Asia, Congo, Mozambique, Nova Guinéa, Malasia e Filipinas. Demais, alli dominam povos mais ricos, mais bem organizados e mais instruidos do que nós. Onde a sciencia e o dinheiro concorrem contra a ignorancia e a pobreza, estas perdem : é infallivel e certo como um axioma mathematico.

O Brasil, em verdade, é um pais productor de borracha, como nenhum outro o é. No extremo norte, na ampla bacia amazonica, que só por si é um mundo, cresce a *Hevea brasiliensis* por obra e graça da divina Providencia.

Naquella mesma região, lá onde a temperatura se abranda, vegeta espontaneamente outra planta borrachifera — a *Castilloa elastica* ; mais para o sul, desde o Maranhão ao sertão da Bahia, conta-se a manicobeira ou *Manihot glaziovii* ; em todo o planalto brasileiro a mangabeira ou *Hancornia speciosa* exuberá como planta espontanea ; as especies africanas, ricas em borracha, acclimam-se admiravelmente no nosso meio. Tudo isto indica que *mère nature* nos favorece neste como em muitos outros particulares ; mas, faz-se mistér a acção do homem para corrigir, melhorar e utilizar os dons da natureza. Nisto está toda a obra da civilização. O dominio pleno do homem sobre a natureza em beneficio deste, tal é o papel da civilização. Nosso papel neste particular tem consistido apenas em nos utilizarmos daquillo que a natureza nos deu, sem lhe accrescentarmos, nem corrigirmos um ceitil ; ao contrario, até aqui, temos sido antes destruidores do que constructores, porquanto a nossa obra ainda nesta hora não passou além do que fez o pobre do indio, na sua baixa ignorancia : sangramos a seringueira e coagulamos o que della emana, sem fazermos novas culturas e sem procurarmos dar um passo além do que aprendemos do selvicola. E' muito pouco na verdade o que temos feito como grandes productores de borracha que somos !

Para as colonias americano-européas, a etapa mais difficil já está vencida com a acclimação e exploração industrial da seringueira no longinquo oriente, pois desde agora a cultura e a exploração da *hevea* constituem para as colonias intertropicaes que os europeus possuem em Africa e Asia uma industria lucrativa de base conhecida.

Que fazer deante de adversarios sabidamente mais aptos do que nós para a lucta, por isso que dispõem de poderosos instrumentos de ensino, jogam com maior credito e são melhor governados do que nós? Entregar a cerviz com resignação fakiresca, para que o adversario desfeche o golpe de graça? Esta attitude seria indigna de homens livres e conscientes; por isso, penso que devemos acceitar a lucta, buscando apprehender do nosso adversario os passes e manobras de maior efficacia.

Parece que já vamos querendo sacudir a apathia, porquanto é deveras promissor o movimento que se vai operando no nosso pais de um anno a esta parte, isto é, depois que chegou até nós a noticia das culturas da seringueira no longinquo oriente. Distam tanto de nós Malaca e Ceylão, que só trinta e quatro annos após a introdução da *hevea* naquellas regiões é que os nossos altos dirigentes vieram a ter sciencia desse facto de summo interesse para o nosso pais essencialmente borra-chifero! Que beatifica despreocupação esta nossa!

A reacção que ora se opera merece ser acalentada e orientada com segurança. Neste sentido, parece-me que todos os esforços deveriam convergir acordemente para a suppressão irrevogavel do absurdo imposto que pesa sobre a exportação da borracha. E' inacreditavel, perante o bom senso, que se aggrave a exportação da borracha com um tributo equivalente a 25% *do preço de venda!!!* Não são 25 % sobre o liquido, o que ainda assim corresponderia ao contribuinte ceder ao fisco a quarta parte da renda; são, porém, 25 % sobre o valor venal do producto!! Com um tal regimen tributario, nenhum capitalista europeu será tão insensato para vir empatar seus capitaes aqui, quando pôde collocar-os em paises de boa justiça, governados pelos proprios europeus e *onde não se conhece* o inqualificavel imposto de exportação! Todavia acredito que, ficando firmado por lei e contracto solenne, que a borracha das novas plantações de seringueira que se fizerem em terra brasileira não pagará tributo de exportação, nem outro que lhe seja equivalente, ficando isto firmado, haverá grande probabilidade para que os capitaes americano-europeus venham collaborar connosco, orientando-nos e despertando-nos deste somno mortal em que nos mergulhou durante 80 annos um regimen na verdade memoravel pelo grande culto que tributou á rhetorica, mas que muito se descuidou das cousas que produzem dinheiro, independencia economica e bem estar. Somos um povo culto, possuímos mais oradores e litteratos do que toda a America latina; mas de que nos vale, se para os assumptos de mais vital interesse para a existencia e prosperidade da nossa nacionalidade, temos que ir pedir luzes as colonias inglesas do meio dia da Asia?!

Felizmente o momento é de fagueira esperança, pois já se nota certo movimento tendente a remeliar em parte os males que se originaram da nossa incuria e imprevidencia.

Reuniu-se ha pouco em Manaus um Congresso convocado tão somente para discutir as medidas tendentes a melhorar a situação da nossa industria borrachifera. Seja qual for o resultado decorrente dessa assembléa, já é optimo prenuncio de melhor futuro.

O governador do Pará pede uma lei de providencia em favor da borracha, sendo muito provavel que fique desde já estabelecida a abolição do imposto de exportação para as borrachas provenientes dos seringaes creados e cultivados em terras do Estado do Pará.

Doutra parte fala-se de tempos a esta parte em uma empresa européa organizada para explorar os maniçobaes existentes na Bahia.

Diz-se tambem que alguns capitalistas projectam crear grandes seringaes na Baixada Fluminense, tendo para isso solicitado o concurso da Sociedade Nacional de Agricultura, afim de que esta mande vir do Amazonas grandes carregamentos de sementes da *Hevea brasiliensis*, cuja adaptação ao meio fluminense está sobejamente provada, em vista dos bellos specimens de seringueira que se observam na *Quinta da Boa Vista* e no Jardim Botânico da Lagoa de Rodrigo de Freitas.

Por outro lado, o Governo Federal mostra-se interessado pelo assumpto, tendo baixado instrucções criteriosas para o seu delegado agronomico residente no Territorio do Acre e havendo além disso auxiliado com forte somma ao Sr. Dr. Cerqueira Pinto para que continue suas interessantes pesquisas tendentes a melhorar a qualidade da borracha.

Parece, pois, que a questão toma nova e melhor direcção; porém qualquer que esta seja, faz-se mister a completa extincção do absurdo imposto de exportação, pois, enquanto este existir com o espantoso vulto que tem actualmente, certa será a nossa derrota na concorrência que nos offerecem os seringueiros da Asia.

Qui vivra verra.

A. GOMES CARMO.

Galeria

DR. CAMPOS DA PAZ

O Dr. Arthur Fernandes Campos da Paz foi uma das vidas gloriosas que o trabalho, a perseverança, o civismo e a inteireza têm animado em nossa terra.



A. Campesado

No principio da sua carreira foi elle caixeiro, depois aspirante de Marinha, em seguida estudante de preparatorios, depois estudante de pharmacia, finalmente estudante de medicina, professor de francês e de philosophia e medico, tendo-se formado em 1878, com 25 annos de idade.

Professor no Collegio Aquino, de que foi vice-director, desde logo deu provas da sua capacidade, podendo hombrear com o lendario creador de alma e de character, Dr. João Pedro de Aquino.

Deixando o professorado, exerceu, com grande successo, a clinica.

Mas, havia começado a campanha final do abolicionismo, que através dos mais inauditos sacrificios, devia coroar os propagandistas com os louros immarcesciveis de 13 de Maio.

O Dr. Campos da Paz, que tinha uma palavra facil, abundante, suggestiva, empenhou-se na grande causa, sendo um dos mais estrenuos luctadores dessa gloriosa jornada.

Assim, a sua coragem e a sua abnegação contribuíram, largamente, para o progresso da agricultura nacional, dignificando o trabalho, com a implantação do braço livre.

O seu trabalho na questão da falsificação dos vinhos e licores foi titanico e a sua correspondencia attesta que os maiores hygienistas do mundo o sagraram — benemerito da humanidade.

Em uma fazenda em Ouro Branco, (Minas), o Dr. Campos da Paz fez um ensaio de polycultura e verificou, principalmente, que a viticultura era remuneradora no nosso pais; nessa occasião contrahiui elle a paixão da cultura da vinha.

Filiando-se á Sociedade Nacional de Agricultura, realizou congresso, exposições e, sobretudo, tornou populares as suas conferencias e a sua revista *A Lavoura*.

A viticultura foi ensinada com o fervor de fanatico, porque Campos da Paz a considerou o inicio da sua outra grande campanha — os Campos de Demonstração, que infelizmente ficaram embryonarios.

Para se avaliar o amor que Campos da Paz tinha pela viticultura, basta dizer que elle, já gravemente enfermo, consagrou o ultimo mês de vida a instruir os lavradores de Caldas.

O Dr. Campos da Paz foi lente cathedratico de chimica organica e biologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1º vicepresidente da Sociedade Nacional de Agricultura, membro estrangeiro da Sociedade Francesa de Hygiene, collaborador da *Revista Internacional contra a falsificação de generos alimenticios*, de Amster-

dam ; professor de agronomia do Pedagogium, socio correspondente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, 2º vice-presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, director do campo de demonstração de viticultura e forragens, no municipio de Vasouras, 2º vice-presidente honorario da Sociedade Agricola Resendense, etc., etc.

O Dr. Campos da Paz publicou 44 obras, entre discursos, conferencias, relatorios, etc., sobre diversos assumptos.

Dentre esses trabalhos, mencionamos aquelles que se referem ou mais directamente se prendem á agricultura, e são elles :

A Questão dos Vinhos (os vinhos falsificados) 400 paginas ; Falsificação das Bebidas Alcoolicas, Vinhos Artificiaes, Propaganda Agricola, Da Fabricação do Vinho, Exposição de Uvas em S. Paulo Vinhos Facticios, Agronomia, Resumo da Primeira Conferencia sobre a Exposição Viticola de S. Paulo, Relatorio da Exposição Viticola de S. Paulo, Resumo da Segunda Conferencia sobre a Exposição Viticola, Resumo da Conferencia sobre a Exposição Viticola de S. Paulo, Manual Pratico do Viticultor Brasileiro, e Viticultura.

O seu livro, *Manual Pratico do Viticultor Brasileiro*, que foi dedicado ao Dr. Pereira Barreto está pelo mesmo prefaciado, prefacio que termina assim : — « Posso affirmar por experiencia propria que foi um immenso progresso este novo processo de enxerto. Não só é o mais facil de executar-se como ainda é o mais seguro.

Achando-se bem conservados os bacellos em areia secca e em lugar fresco, não falha uma *borbulha*. Qualquer individuo, com um pouco de boa vontade e seguindo á risca as indicações do Dr. Campos da Paz, pôde executar com perfeição este facilissimo systema de enxerto. *O Manual Pratico do Viticultor Brasileiro* está repleto de indicações uteis ; mas, quando outros meritos não tivesse, só este bastava para recommendá-lo como um livro indispensavel ».

Finalizando este ligeiro esboço, lamentamos que a feição e a indole desta secção não nos permita alongarmo-nos e, terminando, insculpimos na Galeria o nome nobre e puro de Campos da Paz, operario da liberdade e do progresso nacional, que a morte retirou do trabalho e da lucta, no dia 29 de maio de 1899, com 46 annos de idade.

A pecuária nacional

Está terminada a revisão das tarifas aduaneiras na parte que taxa os similares dos productos de nossa pecuária.

Esses similares estão capitulados nas classes 1, 3 e 4 e sua discussão terminou com a votação a poucos dias realizada da classe quarta.

Foi relator de todas ellas o illustre presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, Sr. Dr. Wencesláo Bello.

Seria muito longo reproduzir aqui a ardorosa e convincente defesa que tem feito S. Ex. dos interesses da industria pastoril, e que, justificando o acerto do Governo em convidá-lo para representar as classes agricolas na Commissão Revisora, constituem relevantes serviços prestados por S. Ex. na espinhosa e exhaustiva incumbencia que lhe foi confiada.

A Lavoura, porém, julga de seu dever reproduzir a ultima parte da discussão desses interesses, especialmente porque se refere ás taxas da manteiga, do queijo e do toucinho, que tão importante papel representam na vida economica de nossa industria pastoril. E congratulando-se com os criadores nacionaes pelo resultado da votação, rejubila-se em poder salientar a habilidade e elevado criterio com que o Sr. Dr. Wencesláo Bello dirigiu a discussão, dedicadamente auxiliado pelo Sr. Dr. Jorge Street que, dest'arte, se tornou tambem merecedor dos agradecimentos da *A Lavoura*.

Assim se exprimiu o Sr. Dr. Wencesláo Bello na sessão de 30 de março:

« O boletim da casa Demagny-Isigny para Outubro de 1909 dá o preço de 165 francos por 50 caixas de duas libras, ou 3^{ra}, 30 por kilo, o que produz 2\$098 ou, com 15 % de despesas, 2\$412 para valor na Alfandega.

A casa Marti & C., do Rio, informa que a média geral do valor na Alfandega é de 2\$058.

Pelo catalogo da casa Joseph Ramell, a manteiga dinamarquesa ficaria por 2\$773.

A média entre o primeiro e o ultimo valor referidos é de 2\$541.

Deveríamos adoptar de preferencia este para valor official, pois que tratando-se de producto alimenticio só é licito admittir a competencia entre os productos de nossa industria e os importados de primeira qualidade e a média allegada por Marti & C. fica relaxada devido ás man-

teigas inferiores, que chegam ao nosso mercado e que o zelo pela hygiene publica aconselha excluir de nossa alimentação.

Será, portanto, inteiramente razoavel adoptar-se o valor official de 2\$500, inferior ainda ao valor das excellentes manteigas da Dinamarca — pouco superior ao da Demagny, sendo esta especialmente fabricada para o Brasil e sem garantia de responsabilidade da hygiene franceza, como se vê do prospecto que apresenta ao exame da commissão.

Desde 1906, a taxa da manteiga foi elevada a 1\$500. Essa taxa corresponde a 60 % do valor que adoptamos. Deve, porém, apesar disso, ser conservada.

A industria nacional já produz cerca de sete mil contos, ao passo que a importação de manteiga em todo o pais pouco excede de cinco mil contos.

A estimativa da produção feita pelo Centro Industrial é ainda inferior á verdade. Corresponde ella a 146 fabricas que foram arroladas, mas não comprehendeu um grande numero de installações menores, que no emtanto influem na produção e que elevariam certamente o total, ainda mesmo que se deduzisse a parte relativa ao fabrico de queijos, englobada na estimativa, porquanto não foram tambem contempladas numerosas installações que, sem o character de fabrica, produzem maior quantidade de queijos.

Trata-se, portanto, de uma industria agraria, genuinamente nacional, que está em via de formação, que já tem conquistado grande terreno á concurrencia estrangeira e que tem deante de si um grande futuro para o qual dispõe dos melhores elementos naturaes.

As fabricas de manteiga estão habilitadas com apparelhos e materia prima para muito maior produção, de modo a supprir o mercado mesmo do norte do pais. A prova é que muitas vezes se têm produzido grandes *stocks* encalhados por falta de mercado.

Essa falta de mercado não é devida á impossibilidade de fazer a manteiga nacional cessar a concurrencia estrangeira nas praças do norte.

Tem sido antes devida á falta de resistencia dos productores. E' sabido que até pouco tempo só existiam pequenos productores, que apenas tinham força para explorar o mercado do Rio, o que aliás conseguiram vencendo o producto estrangeiro. Não podiam, porém, tentar maior emprehendimento, por falta de união que lhes dêsse a necessaria força e precisa unidade de orientação e de esforços.

Esse estado, porém, está se modificando.

Ainda não temos o regimen cooperativo perfeito que ha de resolver o problema, mas já temos união de productores que estão fazendo intelligentemente a propaganda da manteiga nacional para sua introdução nas praças do norte.

Não é impossivel chegar a esse resultado, apesar dos fretes altos e já se está triumphando. A maior difficuldade tem sido no norte, como fora aqui, vencer o habito de consumir o producto estrangeiro, habituando-se o paladar dos consumidores ao producto do pais. Esse trabalho, porém, tem progredido com bom resultado e estou informado que os agentes dos productores já conseguiram para este anno boas encomendas para logo que se esgotassem os *stocks* nas casas commerciaes de Pernambuco e outras praças.

Desse modo, em pouco tempo se fará a conquista do mercado nacional, a concurrencia interna trará o barateamento do producto, e essa importante industria agraria prosperará dando ao consumo um producto são, se os poderes publicos cohibirem as adulterações feitas no commercio e em fabricas criminosas que nenhuma relação guardam com a industria de lacticinios.

Accresce que os capitaes estrangeiros estão neste momento procurando applicação na industria da fabricação da manteiga.

Sei que diversos empreendimentos se estão iniciando para esse fim. Fabricante francês de grande fama teve ou tem ainda representante aqui com esse intuito. Para uma outra empresa, já foram adquiridas duas grandes fazendas e está em trato uma outra no municipio de Resende.

A firma Bordeaux & C., desta praça, constituida por brasileiros, dignos de louvor e auxilio pela intelligencia e tenacidade com que trabalharam, fez uma representação bem fundada.

Esses industriaes compram a manteiga de varios productores, fazem o seu beneficiamento e conseguem assim um producto puro de qualidade superior e que se conserva inalteravel por longo tempo, mesmo no clima do extremo norte do pais.

E' sabido que a manteiga nacional, apesar de pura e de excellente sabor, tinha, em geral, o defeito de se alterar facilmente, não resistindo assim ao armazenamento e a longas viagens.

Os Srs. Bordeaux & C. removeram esse defeito com sua excellente marca *Mascote* e vencendo enormes difficuldades vão elles conquistando os mercados do norte, onde vendem aos preços de 1\$, 1\$600, 1\$700 e 1\$800 por libra. Tive provas de remessas feitas para Manáos, Maranhão, Ceará, Pará, Amazonas e até para o Acre, assim como vi attestados da

boa aceitação que o producto vai encontrando mesmo nesses longínquos mercados.

O país tem elementos para supprir a todo o consumo nacional e até para exportar os productos lacticínios. A produção da manteiga já é superior á importação total do país, augmenta cada anno em proporção crescente, que já se eleva a mais de 500 mil kilos. Estão resolvidos os grandes problemas da qualidade superior e da perfeita conservação do producto.

Em taes condições, seria grande erro alterarmos neste momento as condições dessa industria.

Assim proponho a conservação do onus actual com a taxa 1\$550, razão 60 %.

Com a quota de 50 % ouro, o onus actual é de 2\$100. Nos termos da proposta será de 2\$040.

Não haverá, pois, aggravação e sim ainda uma diminuição, comquanto insignificante.»

— O Sr. Baptista Franco considera que, se a taxa de 1\$500 proposta representa uma diminuição, no onus de 98 réis, ha outra, de 1\$600, em que ha augmento desse onus, mas muito menor.

Entre a taxa que diminue 98 réis no onus e a que augmenta muito menos do que isso, opta por esta ultima que é a de 1\$600.

O Dr. Bello concorda com os 1\$600, mas não a propôs por não querer assumir a responsabilidade de qualquer augmento.

Em apoio dos argumentos da exposição feita pelo relator, o Dr. Street lê os algarismos da produção da manteiga, que augmentam progressiva e extraordinariamente de 1906 a 1909.

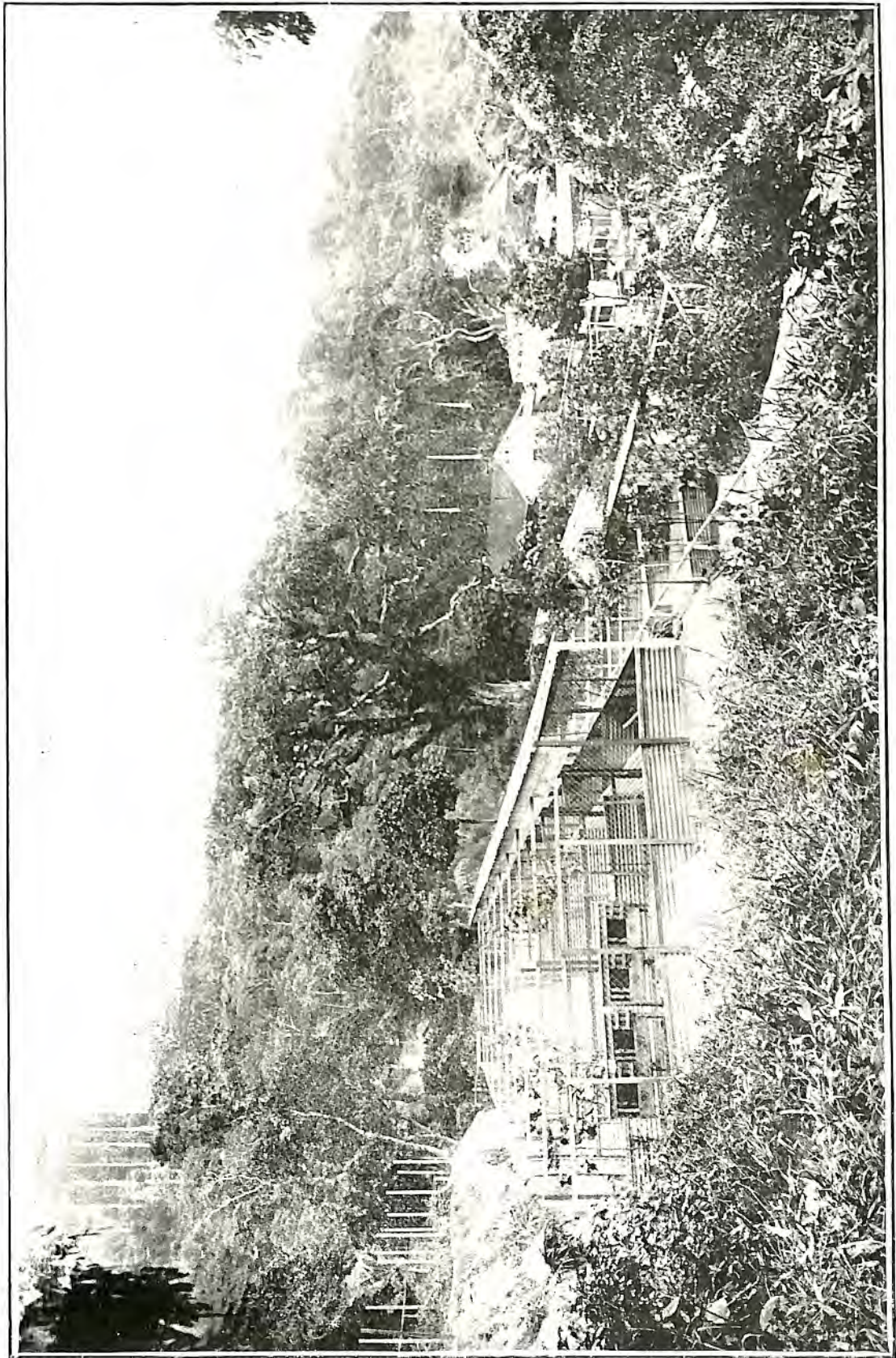
Assim, em 1909 a produção foi de 2.163.662 kilos; 1908, de 973.000; em 1907, de 206.000, e 1906, de 147.000.

Isto quer dizer que a produção de 1909 foi 2 1/2 vezes maior do que a de 1908, mais 10 do que em 1907 e 15 vezes mais do que em 1906, augmento bastante consideravel em tres annos.

Crê S. Ex. que este augmento é decisivo em favor da industria da manteiga.

Considera ainda o Dr. Bello que é recente o esforço da introdução das melhores raças leiteiras no país. Ora, este gado precisa de tempo para a reprodução e desenvolvimento, afim de que surja um resultado que, entretanto, é seguro.

A influencia é que não pôde fazer-se sentir de um dia para outro. Ha muitos lavradores com esse gado, mas ainda novo ou não produzindo leite por emquanto sufficiente.



Vista geral do « Ascurra Basse Cour »

O Dr. Street referindo-se ao numero que citou acredita que não ha industria com marcha mais fortemente ascencional.

Não ha tambem outra que seja mais nacional do que a da manteiga, que não é absolutamente uma industria exotica...

Lembra ainda o Dr. Bello que agora já se adoptaram os processos do estabulamento do gado, o que concorre para o melhoramento de suas condições.

Dadas todas estas circumstancias, conclue que a industria da manteiga tem todo o direito de exigir protecção.

Teve então a palavra o Sr. Dannecker que disse ter sido procurado por importadores de manteiga que, pelo menos, pretendem a conservação da taxa actual.

Acha que os numeros do Dr. Street sobre a producção da manteiga só servem para provar qua a industria está no melhor desenvolvimento.

Por isso crê que de uma pequena redução ou da conservação da taxa actual não adviria inconveniente algum.

O Dr. Bello acha que, estando a industria da manteiga em seu inicio de expansão, intervir com uma taxa em seu desfavor será fazer aquillo que na sua terra se chama *pialar* o gado, isto é, atirar-lhe o laço para detel-o de chofre, no impeto da corrida.

O Sr. Dannecker pede a conservação da taxa actual, ao que retrucou o Dr. Street que é uma especie tambem de conservação a proposta do Sr. Baptista Franco.

O Dr. Corrêa da Costa impugna a taxa de 1\$600, que lhe parece exaggerada, porque se trata de um artigo que é ainda importado.

O Sr. Sattamini acha que as razões apresentadas pelo relator e corroboradas pelo Dr. Street não justificam que se estabeleça maior pressão no *onus* do que a já existente.

O Dr. Corrêa da Costa tambem se manifesta contra a taxa de 1\$600 porque acha que o pais todo não pôde ficar tributario de algumas fabricas de manteiga.

O Sr. Sattamini argumenta com os preços altos dos fretes de transporte, que encarecem o producto, quando destinado a pontos longinquos do pais.

A manteiga que vai para o norte ainda o não faz em quantidade sufficiente para o estabelecimento definitivo dessa industria nos mercados dahi.

O Dr. Street chama a attenção de seus collegas e especialmente do Sr. Sattamini, que tanto gosta de estatisticas, para o argumento que vai produzir.

Ha duvidas, no espirito do Sr. Sattamini, de que a industria da manteiga tenha chegado já ao norte. Ora, os algarismos do Dr. Bello provaram que, este anno, a exportação da manteiga nacional para o norte já começou em grande escala.

Ha, além disso, outros argumentos que corroboram esse facto e entre elles destaca o do decrescimo da importação da manteiga estrangeira.

Assim, para o Pará, a importação de manteiga foi de 423.000 kilos em 1902, de 448.000 em 1903, de 560.000 em 1904, 613.000 em 1905, de 520.000 em 1906, de 357.000 em 1908, ou uma média de 475.000 kilos.

Já houve, portanto, baixa.

Na Bahia, cuja média de importação nesses annos foi de 422.000 kilos, apresenta um decrescimo, nos dous ultimos, de 283.000.

Em Manáos tambem se deu o mesmo phenomeno, decrescendo a importação estrangeira da manteiga de 167.000 para 142.000 kilos.

Tratando-se de tres Estados ricos, isto não quer dizer que o consumo tenha diminuido, senão que, baixando no coefficiente da importação estrangeira, se surta de productos de outras procedencias.

O Dr. Bello apresenta o resultado da exportação para o norte da manteiga *Mascote* posta nos lugares de destino a 1\$600, 1\$700 e 1\$750 a libra.

O Dr. Corrêa da Costa discute ainda os valores officiaes achados pelo Dr. Bello e Sr. Dannecker e insiste na sua proposta da conservação da taxa em 1\$500, com a qual acha que a industria nacional ficará sufficientemente protegida.

O Dr. Bello acha imprudente e inopportuna uma tal taxa, porque a industria agora é que está começando o abastecimento dos mercados do norte.

Daqui a tres annos ella será razoavel, agora não.

Termina abandonando a taxa de 1\$550 para acceitar a de 1\$600, do Sr. Baptista Franco.

O Dr. Corrêa da Costa é contrario á taxa de 1\$500 e propõe a de 1\$200, que lhe parece já altamente proteccionista.

Feita a votação, reuniu maior numero de votos a proposta do Sr. Baptista Franco, de 1\$600 para cada kilo de manteiga de leite.

Foi tambem approvada a conservação em 3\$500 da taxa para a manteiga de margarina, ambas com a razão de 60 %.

Tratou-se em seguida, do art. 63, queijos, cujas taxas o relator Dr. Wencesláo Bello, assim justificou:

« Proponho a conservação do onus com a taxa de 1\$220.

E' certamente uma taxa alta.

A industria do queijo, porém, vae acompanhando os progressos geraes dos lacticinios que ja vimos para a manteiga.

São dignos de nota a marca Palmira, imitando o queijo flamengo e o Gouda Mineiro fabricado pelo Dr. Moitinho.

Essas marcas já rivalizam com as estrangeiras e sua produção augmenta progressivamente.

Não existem ainda para o fabrico do queijo organizações tão fortes e bem aparelhadas como existem para o da manteiga, mas o progresso é patente e convém ao pais ampará-la ainda, como se tem feito nestes ultimos annos, sem nos aventurarmos a dar-lhe um golpe que poderia affectar gravemente o seu desenvolvimento.

Equilibrando-se a differença de quota ouro com o pequeno accrescimento de 20 réis, corresponderemos a uma aspiração da industria dos lacticinios. Lealmente declaro que a taxa proposta corresponde á cerca de 70 % do valor de importação.

Mas, tendo-me esforçado por conseguir para a cerveja uma taxa correspondente a 200 %, não me sinto constrangido em pedir a de 70 % para os queijos, quando prevaleceu a de 460 % para a cerveja, que é uma industria já feita e monopolizada, quando a do queijo, com mais direito, reclama o amparo dos poderes, porque está ainda em via de organização e porque está directamente ligada ao valor do sólo, que é a maior e a mais real das riquezas do pais.»

O Sr. Dannecker, que recebeu facturas de queijos estrangeiros, affirma que os seus preços aqui são de 1\$280, 1\$154, 1\$075, 1\$225, com uma média, mais ou menos, de 1\$200.

Em taes condições, os importadores não pedem redução, senão a conservação da taxa actual, pedindo que não seja augmentada.

Conclue que muito melhor lhe parece a taxa de 1\$200.

O Dr. Street propõe a de 1\$300, que é acceita pelo relator, sendo approvada.

Veio, finalmente, a discussão do artigo 69, toucinho, ultimo da classe 4ª.

Foi dada a palavra ao Dr. Bello, que assim se refere ao artigo justificando as suas taxas.

« Facturas de Davidson, Pullen & C. dão o valor médio de 1\$185 o kilo. Acceitando, pois, o de 1\$, a taxa actual de 200 réis corresponde a 20 %. Nessas condições, penso que deve ser conservada, com a razão real de 20 %, maxime quando a quota ouro de 50 % passa a ser de 40 %.»

O Dr. Corrêa da Costa considera que pagando o toucinho a peso bruto a taxa de 200 réis, é de facto de 400 réis, razão pela qual opta pela conservação da taxa de 200 réis.

Esta taxa foi unanimemente aprovada.

O Ovo na alimentação do homem

POR C. HOLLSTEIN

A importancia do ovo de gallinha sob o ponto de vista economico será de uma clareza immediata se lançarmos uma vista d'olhos sobre as estatisticas commerciaes dos povos civilizados.

Em tempos que já vão longe, que se não conheciam ainda as estradas de ferro, e os navios vagarosos moviam-se mercê dos ventos, era o fragil e facilmente deterioravel ovo mais destinado ao commercio local.

As circumvizinhanças das grandes cidades forneciam aos seus habitantes este meio de alimentação.

Hoje a cousa é outra; o ovo vae de pais a pais. Berlim consome annualmente cerca de sessenta e cinco milhões de ovos e uma parte do necessario manda vir de lugares longinquos.

Bem acondicionados em caixões para 1.440 unidades, chegam milhões de ovos como carga de estrada de ferro do interior da Russia e da Austria-Hungria.

Mesmo o Oriente abastece os paises da parte occidental da Europa com este producto da gallinha domestica.

Na Asia menor e no Egypto vendem-se ovos para Londres, e, apesar da longa travessia, elles não encarecem demasiado, pois o frete para um ovo, de Alexandria até Londres ou Hamburgo é sómente de um sexto de *pfennig* (1).

O ovo tornou-se, ha muito tempo, um artigo de commercio mundial. Seus principaes compradores, porém, são a Alemanha e a Inglaterra.

Dizem que no Imperio Alemão as gallinhas põem annualmente cerca de mil milhões de ovos; não bastam, porém, para a largueza do consumo.

(1) Um *pfennig*, moeda de cobre pequena, usada na Alemanha, vale 6 réis.



Grupo de Brhamas escuras do « Aseurra Basse Cour »

No anno ullimo attingiu a nossa importação á cerca de 2 1/2 bilhões de ovos, no valor de 80 milhões de marcos.

A Inglaterra precisou approximadamente de tanto quanto nós no anno de 1907. Sua importação montou a dois bilhões e 230 milhões de ovos.

Chegam a Berlim, Hamburgo e Londres ovos colhidos nos lares de todos os paises ; os principaes fornecedores, porém, são a Russia e a Austria-Hungria, sendo que o valor da exportação russa attingiu a cifra de 50 milhões de rublos e a da Austria-Hungria á cerca de 75 milhões de corôas.

Ainda por um outro prisma podemos encarar esta estatística: os ovos não apresentam em todos os lugares a mesma grandeza ou tamanho.

A tal respeito, sabe-se quanto uma dona de casa tem de experiencia propria. E' interessante de se assignalar que os ovos mais pesados vêm do norte da Hollanda e que cada um pesa, em média, 84^{gr},6 ; os mais leves são oriundos do Egypto, ovos de Said, que têm um peso médio de 40^{gr},84, por unidade.

Apesar de tudo, o ovo, em cotejo com outros alimentos de todos os povos, occupa um lugar modesto.

Recentemente, na America, acham-se empregadas em tão interessante *arrecadação* 2.456 familias de operarios, o que demonstra estar tal alimento tornando-se escasso para elles, e, mais ainda, a importancia do seu valor nutritivo.

Prova-se que o pão, a farinha, a batata, o arroz entram na alimentação geral com a quota de 40 %; carne, aves e peixes, 24 %; leite, queijo, manteiga e toucinho, 22 %; assucar e caldos, 12 %, emquanto que o ovo sómente com a quota de 2 %.

Parece-nos ser ainda um tanto minguido o consumo do ovo na classe operaria. Quando muito nos meses de março, abril e maio, elle apparece frequentemente á mesa dos mal sorteados da fortuna, isso porque nessa época o ovo está mais barato.

No inverno, quando então culmina em preço e é raro obter-se o ovo fresco, espalha-se elle pelas largas camadas sociaes principalmente como ingrediente de diferentes manjares.

Em compensação, na dieta dos doentes, representa o ovo uma grande função. Onde haja pessoas fracas e mal nutridas para se fortalecer, é muito costumeiro entre o povo lançar-se mão do ovo como um rico alimento.

Se por meio d'elle se conseguirá sempre o mesmo exito, é uma

outra questão que só o medico pôde decidir e determinar a oportunidade de tal dieta.

Em via de regra, porém, costuma-se exaggerar o valor nutritivo do ovo, promettendo-se mais do que, de facto, elle pôde conceder.

Investigações recentes ensinam-nos a composição desse alimento.

O ovo de gallinha pesa, em média, 51 grammas, das quaes seis grammas constituem a casca que não entra como parte nutritiva; ficamos, pois, a clara e, sobretudo, a gemma, partes componentes do todo.

Na clara acham-se approximadamente 86,2 % de agua, 10,1 % de albumina pura, muito pouca gordura (0,14 %) e 0,7 % de substancia mineral.

A gemma é muito concentrada, pois contém sómente 47,5 % de agua e 17,5 % de albumina.

Seu coefficiente em gordura é muito elevado, 33,3 %, ao passo que o de substancia mineral cae a 1,7 %.

Collige-se dahi que a clara de um ovo fornece cerca de tres grammas de albumina, a gemma igualmente tres grammas da mesma substancia e ainda mais tres grammas de gordura.

Tal quantidade de substancia alimenticia encontramol-a nós em 35 grammas de carne gorda ou 150 grammas de leite.

Se um homem quisesse alcançar toda a quota de albumina que lhe é necessaria por meio do ovo, deveria comer diariamente 20 delles !

Ha pessoas que acreditam ter feito milagre com tal alimento, valendo-se de dous até tres, ou mesmo de um só ovo.

Abstrahindo-nos desses exaggeros, devemos ainda assim proclamar o ovo como um dos mais valiosos alimentos. Elle interessa, pois, a todos nós que o gosamos. A sua digestibilidade pôde ser influida pelo preparo culinario por que lh'o fizerem passar.

Cozido, o ovo é de difficil digestão, e como tambem o estomago e os intestinos permanecem cheios de impurezas, elle não é inteiramente aproveitado.

Dest'arte chega-se a perder uma parte de substancia nutritiva. Causa identica se passa com o ovo em fôrma de omellete. O ovo mexido será, pelo contrario, melhor aproveitado.

Dentre as varias fôrmas culinarias a que se presta o ovo, a de mais facil digestão é a que se conhece sob a denominação de ovos quentes.

Novas investigações têm provado que, entre o ovo quente e o crú não ha differença real de aproveitamento. Entre o povo, porém, ha a crença de que o ovo crú dá muita força.

Apesar disso, muita gente ha que o não supporta, recebendo bem o ovo quente.

O processo mais conveniente de se tomar o ovo cru é pô-lo em uma taça, juntar-se-lhe alguma agua e sal, misturar bem e, depois, pouco e pouco, bebê-lo. Para tanto, deve-se procurar o ôvo fresco que, commercialmente, é vendido por *Trinkeir*.

Seu preço é, na verdade, durante os meses de inverno, tão elevado (em muitas cidades elle attinge a 20 *pfennig* por unidade) que para muitas pessoas um *Trinkeir* só lhes chega em caso de salvação.

O ovo não é empregado exclusivamente como alimento do homem ; elle tem tambem o seu fim technico.

Na renovação do papel photographico emprega-se muita clara de ovo ; a gemma que sobra, é claro, não se deve perdê-la. Elle serve tambem para a preparação de massas, de productos alimenticios, pó de ovo, *cognac* de ovo, etc.

Em principio nada se pôde objectar contra esses preparados ; infelizmente, porém, elles, em geral, não correspondem ao que fica promettido nos reclamos.

Seu valor em substancias proprias do ovo, é, ás vezes, muito pequeno, e se elles se apresentam com uma bella cor amarela, devem-na á addição de uma tinta daquelle cor. Uma certa precaução é por isso bem cabida.

Ha casos em que se paga por alto preço o ovo em pó e outros productos semelhantes.

Em casa particular consegue-se o ovo em via de regra, mais barato ; em casos de soccorros, compra-se o ovo no mercado.

(Extrahido da *Deutsche Zeitung*, de S. Paulo, e vertido do alemão pela R. L.)

III

A bananeira

CONFERENCIA LIDA PELO DR. RAFAEL URIBE UBIBE, PERANTE A SOCIEDADE DE AGRICULTURA DE COLUMBIA EM 17 DE MAIO DE 1908

BOTANICA — A bananeira é o typo mais completo e importante de um dos generos da familia das *musaceas*, á qual deu nome.

Por seu aspecto, dimensões e porte, parece uma árvore, ou melhor, uma palmeira, sendo no entanto um vegetal herbáceo, uma herva gigante.

TRONCO — Como nas cebollas e demais *liliaceas*, uma cêpa ou bulbo em fôrma de disco carnoso, emite para baixo, por sua parte inferior, raízes fibrosas, largas e penetrantes, e pela superior um talo longo e semi-cylindrico, formado pelas bainhas ou peciolo das folhas, superpostos e soldados entre si, de maneira que encaixando-se intimamente uns com os outros, simulam um tronco de dous a dez metros de altura e um pé de diametro, segundo a variedade.

Estes peciolo são constituídos por duas laminas largas e lisas, uma externa e outra interna, entre as quaes se encontra um tecido esponjoso de fibras e malhas formando cellulas dispostas em fileiras e repletas de uma mucilagem adstringente que tinge de negro ás mãos, roupas e ferramentas.

De cor verde claro, com manchas violaceas os da superficie, os peciolo se tornam de um branco nacarado á medida que formam as capas mais profundas, não expostas á acção da luz.

Um eixo ou coração, mais consistente que as folhas de envolvero, sobe pelo centro desde o pé até á cuspide, para encurvar-se em appendice de onde brotarão as flores e frutos.

FOLHAS — No apice ou culmen do tronco, abre-se um leque de folhas de 10 pés de comprimento por dous de largura, ellipticas, alternas, a principio de lamina enrolada em fôrma de cartucho, depois plenamente desenrolada.

Estas folhas são compostas de numerosas nervuras secundarias, parallelas e obliquas, que, de lado a lado, convergem a inserir-se em uma especie de costão, pedunculo ou veia dorsal saliente, que é a continuação do caule e da mesma natureza, e atravessa a folha em todo seu comprimento e a sustem.

O limbo das folhas é uma membrana lisa e brilhante, tão delgada e fragil que se rompe em centenas de tiras ao sopro de qualquer vento brando, ostentando na face superior uma formosa cor verde e, na inferior, a mesma tiznada de um pó esbranquiçado.

FLORES E FRUTO — Chegada a época da fructificação, sae do centro das folhas uma vara ou tromba encurvada e pedente, continuação do eixo central, chamada espatha pelos botanicos e *vastago* pelo povo, constituído por fibras muito resistentes, afim de que possam sustem o pesado cacho ou *régimen*.

Do eixo, desnudo em sua primeira parte, pende um corpo em forma de cone invertido, formado de escamas ou membranas carnosas, muito apertadas umas contra as outras, de cor violeta escura ou purpurea, denominadas espathas, servindo para proteger, e abrigar das intemperies, as flores ainda não desenvolvidas.

Cada dia levanta-se um desses envoltorios e põe a descoberto um grupo de flores; porém, passada a floração, essas bractees se desprendem, deixando livre o cacho, de cuja extremidade inferior fica pendente a glande em umas variedades, e uma especie de cauda em outras.

As flores dispõem-se em fileiras, alternadas por meio de anneis em torno da vergontea, onde mais tarde se accommodarão os frutos como os dedos de uma mão aberta.

Estas flores são de um bellissimo branco amarelado, com um nectario que produz um liquido albuminoso, doce e agradável, que as crianças, os passaros, especialmente os colibris e os insectos perseguem com avidez, e, mais que todos, as abelhas, sem duvida um efficaz auxiliar para a fecundação, de onde se deduz a conveniencia de multiplicar as colmeias ao lado dos plantios de bananeiras.

O fruto, uma vez desenvolvido, tem duas a 12 pollegadas de comprimento, uma a três de diametro, conforme a variedade.

É de forma subtriangular, de casca lisa, coriacea, carnosas, de cor arroxeada ou amarela verdoenga.

Interiormente é formado por uma massa compacta ou tenra, farinacea ou doce, segundo a qualidade e a maturidade.

No centro existem três divisões adherentes, nas quaes se notam sementes pequenissimas, em forma de granulos pardos, inseridos nos angulos da cruz ou coração da banana; ha, porém, variedades que apresentam sementes maiores, desenvolvidas á custa da polpa.

O vulgo designa os três estados de transformação do fruto com os nomes de *biche*, *verde* (?), *pinton*, *inchado* (?) e maduro.

VARIEDADES — Uma planta da qual se póde dizer — foi a nutrição dos primeiros homens — e que tem sido submettida a tantas translações, é natural que se tenha diversificado em grande numero de variedades e, cruzando-se através dos seculos, essas variedades entre si tenham produzido outras e outras, em que umas vezes o fruto resultasse seleccionado, outras decaisse até se tornar intragavel.

Essas hybridações e a necessidade em que se viu a planta de se adaptar aos diversos climas e solos para onde foi levada, assim como as differenças do cultivo, extremaram de tal forma as variedades entre si, que já hoje se apresentam com caracteres inconfundiveis.

Dentro de uma mesma variedade, a planta e o fruto differem notavelmente, segundo o local, o grão de temperatura e de humidade e, mais que tudo, a fertilidade do sólo.

Por exemplo : um rebento tirado de um arbusto vigoroso e semeado em terreno esteril, crescerá pouco e dará fruto rachitico, de escassas qualidades comestiveis; e se se faz plantação d'elle em lugar onde se estão operando decomposições organicas de qualquer especie, perderá seu sabor e perfume.

Em uma certa occasião, provei as bananas de uma arvore proxima a uma pocilga, e achei de gosto horrivel e cheiro repugnante.

As variedades de bananeiras multiplicar-se-iam infinitamente se se as houvessem propagado por meio de sementes, em vez de se o fazer por mudas tiradas dos rhisomas, pois, neste caso, a permanencia da variedade é maior, ao passo que no outro a facilidade com que o pollen fecundante é levado pelos ventos e pelos animaes teria determinado incontaveis combinações.

Comtudo, hoje se conhecem mais de 100 variedades que R. Brown julga todas derivadas de uma só, a *musa sapientium*.

Seria difficil enumerá-las sem confundi-las, já porque muitas não têm sido baptizadas e classificadas scientificamente, já porque os nomes vulgares discrepam de um pais para outro e ainda dentro de um mesmo pais, de modo a tornar-se impossivel o estabelecer a sua identidade ou synonymia.

Todas ellas poderiam ser constituidas em 3 grupos : a *musa comestivel*, a *textil* e a *musa de ornamentação*.

Mencionarei só as principaes dentre as que vi na Columbia, no Brasil e outros paises, e algumas das mais raras de que falam os naturalistas.

A *musa sapientium* é a bananeira guiné, que dá o fruto de exportação para a mesa.

No Brasil chamam-na banana de S. Thomé, como referencia á ilha africana de onde veio.

E' ella a *plantain-tree* dos ingleses, a *bananier cultivé* dos franceses, a banana dos brahmas, na India, e o *platano figo* ou *figueira de Adão* em outros lugares.

A haste é de cinco ou seis metros, com manchas purpurinas, emquanto que as veias das folhas são verde-escuras.

Ao sazonar o cacho, fica sem glande o extremo inferior, em fôrma de cauda desnuda.

Os frutos são curtos, de 10 a 12 centimetros, quasi rectos, dis-

“ASCURRA BASSE COUR”
UM LADO PITTORESCO



Collecção de orchidéas do Dr. Calmon Vianna

postos em duas fileiras por cada penca, e em numero de 200 a 400 por cacho.

Quando em maturação, a pelle é amarela com manchas avermelhadas, lisa, facilmente destacavel, comquanto deixando filamentos adherentes a polpa, que é branca, ou um tanto rosea, com a consistencia da manleiga fresca, fundente, unctuosa e assucarada, e de um exquisito aroma e sabor.

E' desta variedade principalmente que os negros da Africa extrahem a sua farinha de banana, secando-a em fatias ao sol e reduzindo-as a pó em pilões.

A *musa paradisiaca* é o nosso *pão real*, chamada no Brasil *banana da terra* ou *comprida*, e pelos indigenas, *pacoba*.

De todas as variedades é a que dá frutos maiores e grossos, pois têm de 25 a 40 centimetros de comprimento, 3 a 5 de diametro e uma casca de 3 a 6^{mm} de espessura e tendo como peso total 400 a 800 grammas.

Esta banana é de angulos salientes, encurva-se mais que a de outras variedades e, quando madura, se tinge de negro.

A polpa é compacta, resistente á pressão, pastosa e agglutinante.

Crua é pouco agradavel, porém cozida ou assada é deliciosa, especialmente acompanhada de leite.

O numero de pencas de cada cacho e o de bananas em cada penca é menor do que nas outras variedades, mas a qualidade de sua fecula é superior, e por esta razão se lhe dá preferencia para o fabrico da farinha.

O tronco póde alcançar até sete metros de altura.

Uma differença radical entre esta variedade e a que precede está na disposição das pencas: a curva dos frutos da *musa sapientium* está voltada para baixo, servindo o cabo como de corda de arco, emquanto que a da *paradisiaca* ou é divergente ou está voltada para cima (1).

A *pão commun* ou *pão de S. Domingos*, resultante quiçá do cruzamento entre as duas variedades cujo nome as indica, participa das qualidades de ambas, e assim tem em cada cacho maior numero de frutos, ainda que menores que os da anterior.

(1) O Dr. Evaristo Garcia, em sua importante monographia da bananeira, publicada no *Boletim de Medicina del Canca*, chama *musa paradisiaca* a do pão e *musa sapientium* a de Guiné. As descripções que dão outros naturalistas fazem corresponder a primeira designação botanica com a de S. Domingos e a segunda com a do pão commun; sigo, porem, nesta conferencia, a opinião do sabio colombiano.

Variedades derivadas das duas principais, a *paradisiaca* e a *sapientium*, são as seguintes :

A *banana de Cayena*, muito semelhante á do pão, porém de folhas mais lustrosas, frutos maiores e escassos, polpa mais dura e desagradavel ;

A *banana da India*, cujo fruto é de 15 a 20 centímetros de comprimento, casca rosada escura, ás vezes amarela alaranjada e gosto mucilaginoso ;

A *banana capitão-mór*, parecida com a precedente ; tem cinco angulos não muito salientes, 23 centímetros de comprimento e polpa cor de carne ;

A *banana rosada*, ou *camburi*, vinda da India pela Africa ; o fruto tem as dimensões de um pequeno corno e a grossura de um braço de creança ; é de sabor typico, *marroso* como dizemos, razão por que só se a come depois de cozida ;

A *Guiné* propriamente dita (*musa glauca*), de origem africana ; folhas de cor verde-negra, fruto curto, grosso, arredondado, amarelo com manchas morenas, adstringente, quando verde, até ao ponto de tingir de negro as vasilhas e dar caldo como tinta clara ; quando madura, tem a fama de damnhinha, comida crua ; cozida, ainda verde torna-se branda e delicada e se a emprega na convalescença da dysenteria e outras enfermidades intestinaes ;

A *musa regia* é a nossa *dominicana*, nome derivado da ilha de S. Domingos, de onde a planta provém segundo fica dito.

E' a variedade mais abundante em toda a America, por sua facilidade de adaptação, tanto nos climas ardentes como nos frescos, e, pelas boas qualidades do fruto, tem um consumo immenso.

O tronco alcança cinco metros de altura, e os frutos de 16 a 24 centímetros de longo por 33 a 36 milímetros de diametro, e 3 milímetros de grossura ; a casca que é amarela.

Contam-se 100 a 120 frutos por cacho, com um peso total de 30 a 40 kilos.

A polpa tem gosto farinaceo ;

A *musa argentea* ou *banana de prata*, descende directamente da anterior e é mui susceptivel de degenerar, tornando ao typo primitivo.

A polpa é muito branca, de onde lhe vem o nome, como a casca não é adherente, destaca-se com facilidade ;

A *musa coccinea*, ou *banana maçã*, é originaria da Cochinchina, de baixa estatura, dous metros quando muito, e bem notavel por suas espathas de cor roxa viva.

O fruto, de 10 a 15 centímetros, é extremamente parecido com o da *prata*, porém menor e mais roliço com as arestas dos três angulos pouco salientes. A casca é amarela, fina e lisa, mas não se separa facilmente como a da outra.

A polpa é escarlate e o gosto assemelha-se á da maçã.

E' branda e doce, mas tem a particularidade de envolver cellulas endurecidas, de aspecto e consistencia petrea, facto que se não dá com nenhuma outra especie de banana.

As flores segregam mais succo saccharino que as de quaesquer outras variedades ;

A *banana tamara*, é uma immediata derivação da precedente, assim como a *banana mosquito*, de fruto pequenissimo, cor de rosa no interior e bastante saboroso ;

A *banana negra* (*musa discolor*) tem o dorso das folhas escuro como tambem os frutos antes de maduros, passando logo a carmesim.

Comendo-se cruas são de um doce desagradavel ;

A *banana Davao* (*musa Davao*), cultiva-se na ilha de S. Thomé, Africa, onde é muito apreciada ;

A *banana Otahiti* (*musa Cavendishi*), presume-se derivada da *sapientium*. Levada da India ao Otahiti, em 1848, pelo missionario Williams, promptamente se apoderou da ilha e de quasi toda a Oceania, não obstante já existir alli cerca de 40 variedades de bananeiras, porque seu cultivo offereceu aos indigenas maiores vantagens que todas ellas.

O dorso das folhas é cor de violeta, o fruto negro-roxo na parte externa e rosado na interna, e o gosto semelhante ao da banana da India.

Cru é indigesto e resiste á acção do fogo para cozê-lo ou assá-lo.

Creio ser ella a *splendor* de Cundinamarca ;

A *banana anã* (*musa chinensis*), é oriunda da China. A arvore resiste ás baixas temperaturas, retardando tão sómente a maturação do fruto.

Sua denominação provém do seu tronco, que é curto e grosso, de 1 a 1^m,50 no maximo ; as folhas ovaes e rosadas, e o seu cacho tão enorme que chega a tocar no solo, contendo 300 frutos pequenos e apertados.

Quando novos são vermelhos, tornando-se depois amarelo-roxos.

Seu sabor não é agradavel e, por isso, se a destina ao sustento de animaes, convindo advertir que estes não os comem com casca, pois esta, como a das demais bananas roxas, é venenosa, em virtude do leite que secreta contendo acidos gallico e cyanhidrico, ambos toxicos ;

A *musa angulosa* ou *samburá*, semelhante à *doirada*, porém mais alta, dá fruto de angulos muito salientes, tem 24 centímetros de comprimento, e a massa, amarela bem carregada, é pouco saborosa ;

A *banana picoverde* (*musa bicolor*), variedade da anã, com frutos de um amarelo intenso, sendo a ponta verde, o que lhes dá formoso realce ;

A *banana violeta* (*musa violacea*), tem um tronco coberto de manchas, 4 a 5 metros de altura, folhas verde-roxas, com reflexos *tournesol* e o fruto da mesma cor, grosso, redondo e doce.

Além destas variedades, existem no Brasil a banana Pratoquiá e a do Maranhão, de casca rosada e polpa alaranjada, a *banana do céu* e a de *assucar*, hybridações da banana da terra com a *prata* e a *anã*.

Ha mencionadas pelos naturalistas a *musa Zebrina*, originaria de Java, sendo as folhas manchadas como a pelle da zebra ; a *musa superba*, a *musa ornada* e a *musa vittata*, ignorando-se se serão variedades distinctas das enumeradas ou synonymias para as designar ; e as *aiori* e *tei* da Polinesia, assim como a banana de porco que os malayos usam como laxante.

O Dr. Garcia menciona, por sua vez, a banana *manqueño* e a *liberal*, não classificadas ; a *santa fêense* (*musa monoscarpos*), a *guayaba* (*psidium pomiferum*) e a *quinhentos* que, como seu nome indica, chega a ter esse numero de frutos, quando são de 12 a 16 centímetros, e 200 a 300 quando têm 16 á 25 centímetros de longo por 14 de circumferencia.

Em ambos os casos, o cacho é enorme, com pencas apertadas e numerosas, e cabo muito longo.

O tallo é alto e forte e as folhas de cor verde claro.

A *pacifica*, é uma banana curta, grossa, angulosa, de curva disposta em sentido lateral e de polpa rosada e doce, de facil digestão quando comida crua.

O cacho é pouco rico e as folhas cinzentas em baixo.

A *topocho* é uma importante variedade produzida em nossas planícies orientaes de Casanave e S. Martin, e seleccionada ali pela mesma natureza para resistir aos furacões dessas regiões, e ás alternativas de fortes verões e longos invernos.

Offerece por características : tronco grosso e curto, folhas coriáceas, raizes rasantes e longas, fibrosas e fortes como as de outras variedades.

O fruto não é delicado quando cru, todavia, cozido constitúe a base da alimentação de certa classe de pessoas.

Como dispõe de qualidades para resistir ao embate do vento, seria conveniente multiplicar a *topocho* na costa atlantica, em Tolima, Cauca e outros valles expostos aos furacões.

(*Continua*).

A cultura mechanica dos cafezaes

Visitámos ha dias a propriedade agricola « Mundo Novo », na estação de Campo Alegre, onde fomos especialmente para observar o systema de cultura mechanica alli empregado pelo Sr. Luiz Bueno de Miranda, digno gerente das fazendas dos Srs. Prado, Chaves & C.

Do que vimos, nos convencemos de que a applicação das machinas, pelo methodo « Luiz Bueno » nos traz os beneficos resultados que passamos a enumerar:

Baixa no preço das capinas, porque um colono, tratando quatro mil cafeeiros, capina-los-á em quatro dias, não havendo interrupção de chuvas; mas, tomando em consideração esse impedimento natural, digamos que leve oito dias; ao passo que a capina pela enxada, na média de 200 plantas por dia, tomará 20.

O tempo que sobra ao colono, elle irá aproveitá-lo para cultivar (sempre com machinas) maior quantidade de cereaes para o que lhe forneceremos mais terras. A abundancia de cereaes, especialmente do milho, fa-lo-á criador, e deste nos virá a indispensavel pecuaria.

Teremos toucinho, carne, ovos, frutas e legumes, tudo, emfim, e muito barato.

Isso não se dá actualmente, porque o colono mal tem tempo de produzir cereaes para o seu proprio consumo, visto a demoradissima capina pela enxada, e é a razão pela qual importamos milho e batatas da Argentina e a anti-hygienica banha norte-americana.

Ora, com a vida barata e custeio barato, o nosso café nos dará resultado compensador.

Outra vantagem do systema é que elle attrahe a immigração, porque o colono procura o conforto.

Actualmente elle prefere os Estados Unidos, cujo clima não é ameno, pois os invernos são muito rigorosos e os verões torridos, mas encontra abundancia de cereaes, carne, frutas, etc., e tudo isso barato. ae o immigrante para a Argentina, por identico motivo.

O colono, sabendo, porém, que, num país de clima magnifico e suave e de solo de fertilidade unica e incomparavel, elle vai encontrar vida barata, preferi-lo-á naturalmente.

Não se adoptando o systema Luiz Bueno, haveremos de fundar os nucleos particulares. Estes nos ficarão muito caros, e em todas as fazendas que não tiverem terras — baixas e ferteis — não poderemos executá-los, pelas razões seguintes :

Supponhamos cinco fazendas, as quaes tenham em seu serviço um total de 200 familias: precisamos escolher, para estabelecer o nucleo, aquella que seja quanto possivel equidistante das outras quatro.

Nessa deveremos adquirir terreno sufficiente para fixar as 200 familias. Faça-se agora o computo do custo dos lotes, da edificação das 200 casas, etc., e ver-se-á que isso não é praticavel, mesmo que as despesas sejam distribuidas proporcionalmente, porque é equitativo que o fazendeiro que occupar maior numero de familias pague mais.

Mas, essas fazendas podem não ter, nenhuma dellas, uma área sufficiente para o nucleo. Partilhá-lo, seria cair então no mesmo systema actual de colonia.

Donde é logico inferir, que o systema « Bueno de Miranda » transforma a colonia em nucleo, isto é, o colono passa a trabalhar pelo systema de nucleo e obrigatoriamente, porque elle se contracta por anno.

Ao passo que se transferissemos o colono para o nucleo, elle, como proprietario do solo, não tinha obrigação de colher o nosso café.

Pelo nucleo nós capinariamos os cafezaes com machinas dirigidas pelos camaradas e na colheita recorreríamos ao nucleo, mas, o habitante delle, ou por não precisar, ou por ter de trabalhar em outros industrias, taes como: a fabricação da farinha de mandioca, a extracção do mel de abelhas, a preparação do azeite de mamona, da manteiga e outras, impedi-lo-ia de nos colher o café.

E estas ainda não são as peiores hypotheses. O que succederia fatalmente era a imposição pelos proprietarios do nucleo no preço da colheita. Ao passo que, pelo methodo « Luiz Bueno », o fazendeiro tem sempre ás ordens o pessoal.

Dos argumentos que acabo de expender, acho logico concluir que as vantagens expostas não offerecem contestação.

A primeira é que se poderia prestar a uma objecção, e é a seguinte:

— sujeitar-se-á o colono de sessenta mil réis por anno em cada 1000 cafeeiros a tratá-los pela metade ?

Sim, porque, como já dissemos, elle tem a compensação dessa redução de salario, no augmento de cereaes, industria pastoril, etc., pela sobra de tempo que lhe advem da cultura mechanica. Os fazendeiros que não tiverem terras para cereaes, para addicionar ás que o colono já cultiva, deverão dar-lhes os pastos, e mediante combinação prévia obter que elles fechem, em estabulos toscos, os seus animais, ficando o estrume para os cafeeiros.

Para aquisição dos cultivadores podem-se reunir duas familias ou o proprio fazendeiro fornecê-los ao colono, porque são de modico preço. Quanto ao desatracamento dos cafezaes, é medida que muitos fazendeiros já estão praticando por falta de mato para extrahir o combustivel para as machinas de beneficiar o café.

Fica esse serviço, segundo nos affirmou pessoalmente o Sr. Luiz Bueno, entre dez e cincoenta mil réis por mil plantas, e isto nos talhões que têm muita madeira. Além disso, é um serviço definitivo, porque se faz uma unica vez.

O arrotear americano muito mais difficil e dispendioso não é feito tambem? E essa despesa compensa largamente pela facilidade em passar os cultivadores e pelo augmento do serviço.

O trabalho pela machina é muito mais leve e altamente remunerador. O colono de operario manual passa a ser um trabalhador mechanico. E, depois de habilitado a empunhar a nobilitante rabicha do arado, não voltará ao pesado cabo da anachronica enxada.

O ideal a realizar é baratear o preço da produção. E' o que conseguiu fazer o eminente Dr. Carlos Botelho, na propaganda theorica pelas paginas da sensata e util «Revista Agricola» e na pratica, em sua fazenda na estação da Colonia, onde já ha annos iniciou, com resultados admiraveis, o cultivo mechanico dos cafezaes e da lavoura cerealifera.

Foi S. Ex. o primeiro que, de um modo racional e pratico, introduziu na lavoura do nosso Estado o systema americano de culturas.

A riqueza agricola americana tem por base cinco factores: primeiro, indole emprehendedora do povo americano; segundo, cultura mechanica; terceiro, polycultura; quarto, densidade de população; quinto, abundancia de transportes, com tarifas baratas.

O Exm. Sr. Dr. Carlos Botelho está introduzindo entre nós os elementos constitutivos da opulencia agricola americana. E' assim que, apesar das quasi insuperaveis difficuldades da guerra russo-japonesa, S. Ex. conseguiu introduzir no nosso Estado emigrantes russos.

Tendo adaptado com segura orientação e experiencia certas machinas á nossa agricultura de cafeeiros, o Sr. Luiz Bueno veio, em boa hora, secundar os esforços do Dr. Carlos Botelho.

Aos esforçados lavradores paulistas compete imitar os trabalhos dos benemeritos Srs. Dr. Carlos Botelho e Luiz Bueno. Se assim procederem, não será vaticinio affirmar-se que a crise está resolvida.

DARIO LEITE DE BARROS.

(Extrahido da « Revista Agricola », de S. Paulo, de 15 de Agosto de 1907, n. 145.)



A LAVOURA NOS ESTADOS

A uva

CONTRIBUIÇÃO PARA O CULTIVO DA VIDEIRA EM SANTA CATHARINA

Através dos erros, chega-se ás vezes, ao conhecimento da verdade. Assim succedeu a mim, na cultura da videira. Muitos foram os erros que, nesse trabalho, commetti, mas consola-me a certeza de que, procurando evitá-los, sempre cheguei a conhecer, por experiencia propria, algumas normas verdadeiras da viticultura. E, como me pareça que, em divulgá-las, possa ser util aos que, como eu, se dedicam ao plantio da videira, resolvi coordená-las, para lhes dar publicidade no *Novidades*.

O PLANTIO. O primeiro cuidado que deve observar quem queira ter boas uvas, é o de preparar bem o solo e estrumá-lo convenientemente. O adubo preferido deve ser o recolhido nas estrebarias (e animaes domesticos). Na falta, pode-se lançar mão de bagaço apodrecido, lenha de capoeira, ou ossos calcinados. Todos estes adminiculos fornecem, á planta, vida, saude e robustez.

Não perca o cultivador o seu tempo em plantar vides « que veem de fora » de bacellos. As variedades europeas (*vitis vinifera*) não se dão bem aqui. O nosso solo é muito differente d'aquelle que ellas necessitam para bem vigorar, por faltar-lhe cal. As variedades americanas, (*vitis*



Umas das installações do « Ascurra Basse Cour »

labrusca) porém, medram com facilidade, maximè a uva azul da terra, a Isabel. Não se deve desprezar esta casta de videiras, porquanto ella se desenvolve rapidamente, plantada de bacellos, e nos fornece, assim um tronco forte para realizar o enxerto da vide européa.

Este systema de plantio é que desejo aconselhar aos viticultores, e é fazer o enxerto das variedades européas na videira Isabel. O enxerto mais facil, neste caso é o de garfo, nos meses de fevereiro, agosto e setembro. Não é necessario enxertar, no collo da raiz, como ensinam os plantadores da Europa, pois o enxerto, feito mesmo a um metro acima ou mais alto, viceja bem, desde que se protejam os ferimentos, por meio de atilhos de panno e barro humedecido.

PODA. Cortar cedo ou tarde? Dizem que cortando cedo, isto é, emquanto não houver o minimo signal do movimento da seiva, « estando ainda os olhos a dormir, » como se diz, a planta não brotará igualmente; começará pela ponta e as partes inferiores do planta ficarão desprezadas. Este facto aconteceu-me em um vinhedo meu, ha 4 annos; não posso, porém, afirmar que o motivo seja o indicado. Hoje pódo sempre as videiras, quando os brotos começam a rebentar. E não me posso queixar dessa pratica, pois as plantas vicejam igualmente em todos os ramos.

Cortar muito ou cortar pouco? Os livros sobre viticultura ensinam que a poda deve ser regulada pela robustez da planta. Videiras pouco pujantes, de pouca producção de lenha, devem ser cortadas mais do que vides robustas, de muito vigor. Se estas forem podadas demais, o resultado será a producção de novas hastes, nova folhagem, para dar saída ao excesso de seiva.

A nossa vide *Isabel* e todos os enxertos feitos nella estão nessas condições. Recommendo, pois, que se conservem muitas hastes de um anno para outro, com 15 a 20 olhos, ou mais. As hastes do anno antecedente são as que produzem as uvas. Se for necessario eliminar alguns galhos, cortem-se as hastes mais antigas.

DOENÇAS DA VIDEIRA. A *Isabel* não necessita de tantos cuidados como as castas mais nobres. Mas sempre precisa de alguns; e quanto maior for o trato, maior será o resultado. Passei um dia em Nova Trento, onde o cultivo da uva já é bem feito, mas vi toda a folhagem já toda encrespada, seca, sem vida, como se tivesse sido salpicada pela geada. O motivo fôra doença, (*Melidiu*) que as atacou. Cheguei á Brusque no mesmo dia, e vi que a minha parreira ainda estava verdejante e as folhas em pleno viço, porque a tratara com irrigações (pul-

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100\$ e joia de 50\$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura

verizações, de preparados cupricos e enxofre, que as protejeram contra o mal.

Não é sómente sufficiente conservar sã a folhagem, até que estiverem maduras as uvas, considerando-a como órgão protector contra os raios do sol. Não. As folhas são os pulmões das plantas. Doentes as folhas, toda a planta está doente e não podem funcionar bem osapparelhos de sua vida, principalmente os que preparam e fortificam os brotos fructiferos para o anno vindouro.

Com a maturação da fruta não acaba ainda a vida da mesma; ao contrario, depois é que ella começa a preparar-se para o novo trabalho, e para isto necessita, tão bem como antes, de folhagem verde e sã. Se a não tiver, a colheita no anno seguinte será de cachos pequenos e pouco doces. Pelo exposto, julgo ter sufficiently demonstrado quanto seja necessaria a protecção da planta contra as doenças. Vamos ver qual o meio de a realizar.

Em casa de pobre, todas as doenças se acolhem. Uma videira mal adubada, será mais atacada do que uma que tem todos os elementos de vida.

Fiz uma observação interessante com a *Alicante Rupestris* Terras 20, uma videira de grande vitalidade. Estavam plantadas: uma vide em terra pobre de cal, embora regularmente estrumada, e uma outra em terra onde fôra depositada calça (mistura de cal, barro e areia de paredes velhas derrubadas), por conseguinte riquissima em cal. Pois a primeira foi barbaramente atacada de *anthracnose*, que estragou completamente a colheita, e a segunda conservou-se maravilhosamente sã, sem um vestigio daquella doença.

Isto se deu com duas videiras da mesma especie distante uma da outra, apenas 30 metros. Prova mais evidente não pôde haver. E o mesmo observei na chacara de um amigo onde havia uma videira *Alicante Rupestris* que fora plantada em boa terra de jardim e uma outra que estava plantada perto de um muro onde tinha cal ao alcance. O resultado foi o mesmo já dito.

CURATIVO. Mais vale a prophylaxia, a rega antes de ser visivel o effeito da doença, do que a irrigação depois de ter-se manifestado o mal. E a prophylaxia começa já na occasião da poda. Nas rugosidades da casca da planta muitos germens daquelles animalculos, só, por um microscopio forte, visiveis, passam a sua phase annual de repouso, durante o inverno.

O primeiro trabalho deve consistir na limpeza da cepa, de todos os residuos de casca velha, por meio de uma escova de ramo de aço, ou por uma escova de branco, bem aspera. Depois passe-se por meio de um pincel grosso (pode ser de fabricação propria), por todo o tronco e ramificações uma solução de cal forte, flor de enxofre ou enxofre

pulverizado, um pouco de carbolíneo e água. Esta mistura deu-me muito bom resultado.

Hoje, como mais moderno, recommenda-se mais o uso do carbolíneo próprio para arvores, misturado com água a 10%. Não o experimentei ainda, mas é de crer que dê bom resultado.

Estando a brotar a cepa, pouco antes do florescimento (antes de se abrirem as florezinhas do cacho) é mister fazer-se uma irrigação com calda bordalesa ou outro preparado cupríco. Mas esta rega deve ser feita por uma bomba especial, que pulverize o líquido, para este cair sobre as folhas como se fosse neblina (vulgarmente *librina*) tendo o cuidado de não regar tanto, que o líquido, assim pulverizado, se reuna, formando pingos, ou correndo. Deve ser como uma espécie de poeira, nada mais. Estas irrigações fazem-se de 3 em 3 semanas, escolhendo-se para isso sempre um dia calmo, enxuto, e sombrio.

Já ha três annos que não applico mais a calda bordalesa. Tenho um preparado em que a cal é substituída pela soda (*Kupfersoda* em alemão). Ajuntei á calda um pouco de enxofre em pó fino e sabão alcalino. O resultado foi o mais satisfactorio: as folhas ainda hoje (18.1.10) estão verdes, pelo menos as da Isabel e de outras qualidades mais resistentes.

Sei de um viticultor que para espalhar a calda bordalesa, emprega uma seringa feita pelo funileiro, e applica-a como se fosse entrudo. Outro, mais prudente e economico, usa uma penna de ave e respinga o líquido! Quando será, que a Estação Agronomica descera de seus colhurnos para ensinar a esses pobres lavradores?

QUALIDADES. Opino que a base ou *stock* de um vinhedo deve ser formado sempre, como já disse, pela nossa Isabel. A Isabel está habituada ao nosso sólo, ao nosso clima, dá uvas para comer, e dá vinho, embora este não seja *grande cousa*, e não agrade a todos. Mas, assim mesmo, vende-se e o cultivador recebe dinheiro, o que é o essencial. Pouco a pouco deve-se ir substituindo a Isabel por outras qualidades melhores, por meio de enxerto sobre o tronco da Isabel. Tenho experimentado diversas qualidades, cujos resultados aqui no clima de Brusque, são os seguintes:

ISABEL. Uva azul americana, a nossa uva *commun*. Trantando-a um pouco, produz muito bem, as bagas amadurecem e supportam o tempo chuvoso. De resto é bem conhecida.

NIAGARA — Uva branca americana. E' robusta como a Isabel e prospêra, também plantada de bacello. E' muito resistente ás doenças. Os cachos são do tamanho dos da Isabel, ou maiores um pouco, as

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, á rua da Alfândega, 108

bagas são grandes. A pellicula é fina, embora resista perfeitamente á humidade. Amadurece cerca de 15 dias antes da Isabel e sempre por igual. E' muito doce, excellente para comer. Para vinho não a acho tão appropriada, devido ao particular sabor que tem, que lembra o da Isabel. Quem gostar, porém, do vinho da Isabel, gostará também do da Niagara, que em todo o caso sempre lhe é superior. E' uma uva muito recommendavel.

CHASSELAS ROUGE. Uva branca européa, um pouco avermelhada na parte voltada para o sol. Não dá de bacellos; é mister enxertá-la sobre a Isabel (ou outra) mas então desenvolve-se rapidamente e produz bem. E' tão resistente contra doenças como a Niagara; sendo tratada floresce abundantemente, e viceja muito, desde que reine bom tempo durante a epocha da fecundação. O tempo chuvoso é-lhe muito prejudicial, mas uma vez fecundada, e as bagas já um pouco desenvolvidas, supporta o tempo mais chuvoso, desenvolvem-se os cachos e conservam-se sãos até a maturação. E' a verdadeira *species aquatica*. Amadurece ao mesmo tempo que a Isabel e serve para a mesa, tendo-se o cuidado de não a apanhar muito cedo, e é provavel que dê excellente vinho, semelhante ao do Rheno.

ESQUECIDA. Uva branca moscatel; nome verdadeiro e origem desconhecidos, parecendo, pelas folhas e desenvolvimento, ser americana. Dá plantada de bacellos, e só a estes me refiro, visto como os enxertos não produzem ainda. Desenvolvimento mediocre. E' muito sujeita a doenças, porém desde que haja bom trato, conserva-se regularmente. Floresce muito bem, porém havendo tempo chuvoso, durante a floração acontece não fructificarem todos os cachos. Os cachos são do tamanho dos da Isabel. O sabor delicioso, e nenhuma outra qualidade lhe levaria vantagem, se não fosse o facto de apodrecerem os pedunculos, ao approximar-se a maturação, quando o tempo não for completamente secco, o que aqui sómente temos excepcionalmente. Amadurece com a Isabel. Para os que desejam uvas só para a mesa, recommendo que a cultivem, por enxerto. Mas quem queira fazer commercio de vinho, não deve plantá-la, por causa da incerteza do resultado, desde que haja tempo chuvoso.

FRANKENTHAL. A Frankenthal que recebi da Sociedade Nacional de Agricultura, enxertada sobre a Isabel, é uma vinha resistente, pujante, robusto e muito fecunda. Carrega bastante, dá cachos enormes, até de 700 grammas de peso, e compactos. As bagas, de uma cor vermelho-azulada, são grandes e juntas, carnudas e muito saborosas. E' muito sensível, havendo proximo á maturação tempo chuvoso, pois também se dá o apodrecimento das bagas nos pedunculos, não tanto como na Esquecida, mas sempre de tal maneira, que o resultado pode ser um fracasso completo.

Posso recommendá-la a quem cultivar uvas para gasto proprio, não querendo fazer o commercio de fructas, nem de vinho, pois, nesse caso, um resultado sempre póde ser conseguido á custa de trabalho e tempo.

Mas será esta a Frankenthal verdadeira? Pela literatura alemã consta-me ser a Frankenthal uma uva preta, tendo os outros caracteristicos identicos aos que aqui tenho observado na nossa Frankenthal vermelho-azulada.

HYCALÈS. Uva branca européa. Desenvolvimento rapido, cachos grandes, mas as bagas racham em tempo humido. Não posso recommendá-la.

ALICANTE RUPESTRIS TERRAS 20. Uva preta, bagas muito pequenas e tintas. A planta é de um desenvolvimento rapido, forte e presta-se superiormente para cavallo. As folhas são muito preferidas pelas formigas, pois, tendo estas, não comem as de outras qualidades. E' fecundissima e supporta todo o tempo. Mas esta videira requer um terreno muito rico em cal. Onde não o encontrar a *anthracnose* ataca muito as bagas e estraga toda a colheita, embora as folhas possam ser conservadas sãs por meio de irrigações cupricas. Uva de mesa não é, e se dá vinho bom, não posso dizer ainda. Creio que não, por achar a baga sem adstringencia, sem *bouquet* e sem sabor caracteristico.

VERNACCIA BRANCA. Uva italiana, cachos e bagas mediocres, de gosto agradável. Cresce folgadoamente e carrega bem. Não dá bem em tempo humido.

Em ensaios tenho ainda: Codere, Goethe, Delaware, Bergerac, Catacoba rosa, Dedo de Damas, Chasselas violet.

RESUMO. Conheço, até agora, só tres qualidades de videiras em que o viticultor se póde fiar, pois dão bem, quer seja o tempo secco, quer seja humido. Estas são; a nossa vulgar *Isabel* que, bem amadurecida, não é de se desprezar á mesa, e que dá um vinho que não deixa de ter seus apreciadores. A outra vide é a *Niagara*, que tambem produz em qualquer tempo e se não é boa para vinho, para mesa é excellente. A terceira é a *Chasselas*. Conserva-se sã em todo o tempo, uma vez fecundada. Boa para mesa, excellente para vinho, desde que se tenha o cuidado de a deixar amadurecer bem.

Brusque — Janeiro de 1910.

GEORG BOETTGER.

Fazenda Modelo de Sapucaia, em Cariacica, no Estado do Espírito Santo

Quem, mais ou menos, tiver acompanhado a trajetória que a Sociedade Nacional de Agricultura tem deixado no espaço imenso dos grandes ideaes, em torno dos quaes ella se resolveu um dia gravitar, não estranhará, por certo, o jubilo, o entusiasmo que lhe proporcionam documentos da natureza dos que, mais adeante, o leitor encontrará, e com desvanecimento os publicamos.

Sabe o Brasil inteiro, — e não o dizemos por emphase, senão por amor á verdade — quaes são esses ideaes por que ella tem dado, num periodo ininterrupto de 13 annos, o melhor de suas energias, como tambem, com segurança, tem elle aquilatado a grandeza que os abrange, a orientação que elles levam, a tendencia que os impelle.

E porque o Brasil inteiro os conhece e, por mais de uma feita, aqui os temos deixado de manifesto, não ha mister agora enumerá-los de novo, tão notorios elles são, como dissemos.

Mas, deante de factos que corporificam idéas por esta Sociedade propagadas e defendidas, não nos furtamos ao prazer de assignalar estarem ellas produzindo os mais beneficos e salutaes effeitos, como são testemunhas disso quanto se contém no officio do Governo do Estado do Espírito Santo dirigido ao presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, a cópia das experiencias feitas na Fazenda Modelo de Sapucaia, no mesmo Estado, e as amostras de batatas e de alfafa enfardada, que vieram ter á nossa séde por ordem do mesmo Governo.

Examinamos com toda attenção a alfafa remettida, perfeitamente fenada, estando patente o vigor, a robustez da leguminosa que, nos terrenos do referido Estado, topou os melhores predicados para o seu franco desenvolvimento.

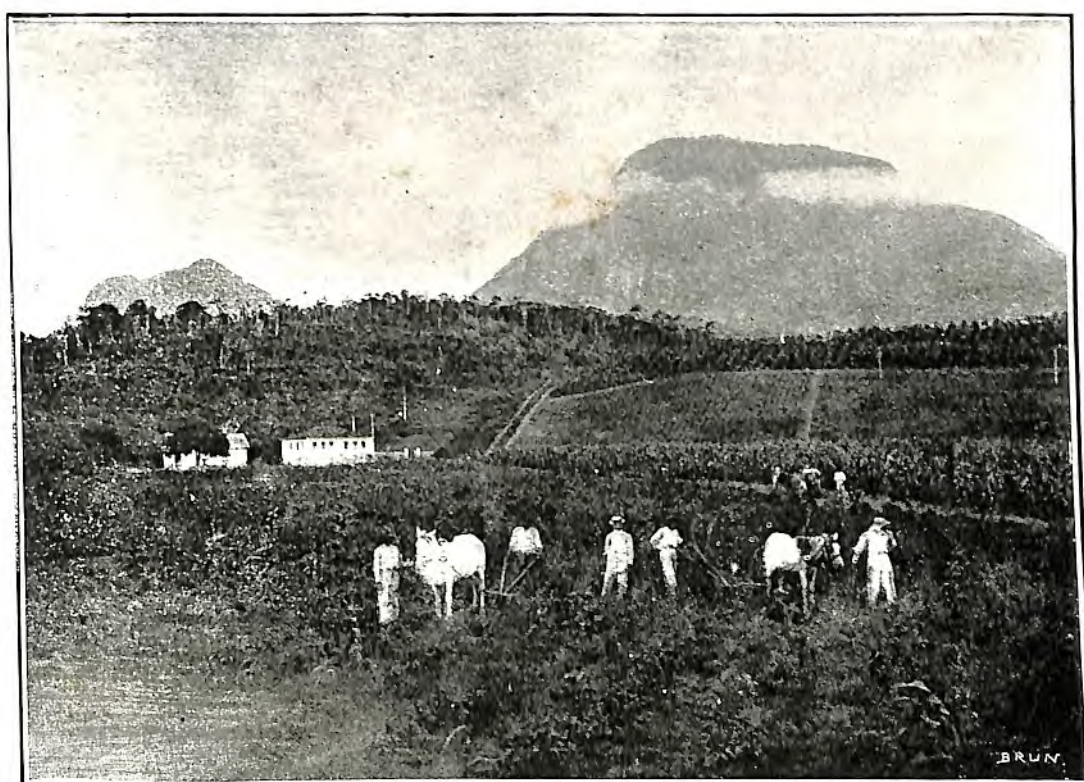
Quanto ás batatas, o seu aspecto e volume traduzem ainda a fertilidade do solo espirito-santense para esta e outras especies de cultura.

O Sr. Dr. Jeronymo Monteiro que se tem mostrado tão devotado á lavoura é digno dos nossos mais vivos e vehementes applausos e dos de todos os bons brasileiros que almejam ardentemente a prosperidade da cara Patria.

Póde S. Ex. estar certo de que, com essas manifestações de entusiasmo de nossa parte, com os louvores de que é merecedor, liga-se o proposito, em que sempre nos achamos, de cooperar, na medida de nossas forças, com tão distincto brasileiro que dirige honrosamente os destinos do Estado do Estado Santo, em prol da riqueza e da prosperidade do Brasil, por meio do desenvolvimento da agricultura.

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

FAZENDA MODELO « SAPUCAIA »



Um aspecto da fazenda

« Victoria, 9 de fevereiro de 1910

Exm. Sr.

Para o fim de proporcionar á lavoura o desenvolvimento de que carece, o Governo deste Estado fundou uma modesta fazenda agricola, onde mantem um campo de experimentação e faculta a aprendizagem dos modernos processos da agricultura.

Nesta fazenda, já se tem obtido magnificos resultados de experiencias das culturas alfafa, milho, batatas e cereaes, como poderá V. Ex. ver pelos amostras que envio, ou sejam um fardo de alfafa e uma caixa de batatas, productos da referida fazenda.

Desejo dar maior desenvolvimento ao referido estabelecimento; para isso muito poderá V. Ex. contribuir com os seus bons officios junto ao Governo Federal, no sentido de poder este Governo receber a subvenção consignada no orçamento da União para auxiliar as fazendas agricolas, e bem assim conseguir um auxilio para fundação de outras fazendas, a exemplo do que se fez com o Estado de Minas, quando fora fundada a fazenda da *Gameleira*.

Contando com o valioso concurso de V. Ex. para objectivo tão elevado, como seja auxiliar o Governo de um Estado pequeno que muito se empenha em melhorar a sorte da lavoura, desde já affirmo que os serviços de V. Ex. serão reconhecidos e que muita satisfação terei em agradecer tão valiosos prestimos.

Enviando a V. Ex., com o presente officio, a photographia da fazenda modelo *Sapucaia*, valho-me do ensejo para testemunhar a V. Ex. os meus protestos de alta estima e subida consideração.

Saudações.

Ilm. e Exm. Sr. Dr. Wencesláo Alves Leite de Oliveira Bello, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Jeronymo de Souza Monteiro.

Fazenda Modelo de Sapucaia, em Cariacica do Estado do Espirito Santo, em 1 de fevereiro de 1910.

Exm. Sr.

Apresento-vos os dados relativos á experiencia feita sobre a cultura da alfafa.

A área cultivada foi de 0307 preparada com dous amanhos, destorramento e gradagem.

A sementeira em linha foi feita em sulcos (leves) abertos á machina; fiz em linha a plantação, por ser novo o terreno, eivado de sementes de hervas damninhas, prevendo deste modo a necessidade

de mondagem, o que realmente aconteceu, tendo elle levado duas mondagens.

Fiz a sementeira em 29 de setembro; a germinação se deu tres dias depois, e, com o desenvolvimento lento (como vae acontecer sempre antes do primeiro corte) se pôs em condições de fornecer o 1º corte em 25 de dezembro. Como, porém, por essa ocasião o tempo estava chuvoso só consegui fazer essa operação em 7 de janeiro.

Custo até 1º corte	4:00
Preparo do terreno	4:70
Plantio	1:50
Mondagem	9:40
Corte e fenação	1:50
Frete e carreto	2:10
Custo total da produção	20:20
Produção	60 kilos

A despesa feita até o primeiro corte constitue a despesa total de um alfafal, visto que dali em diante só ha o trabalho do corte e fenação, e, attendendo a que o primeiro é sempre a metade do que produz nos cortes successivos, teremos uma média da produção de um hectare por anno de 17.140 kilos, pois, pelo desenvolvimento que está tomando, posso affirmar que dará 10 cortes annualmente.

Quanto ao milho, temos nove hectares cultivados, tres hectares em terreno preparado e tratado á machina, cuja produção posso garantir, e seis hectares tratados pelo processo rotineiro.

Os tres hectares em terreno preparado, posso avaliar muito approximadamente a sua produção em 300 alqueires; deixo de apresentar calculo sobre a produção dos outros, por ser este muito variado sempre.

Saudações.

Ao Exm. Sr. Dr. Jeronymo de Souza Monteiro, M. D. presidente do Estado.— *Agostinho M. de Oliveira.*



A LAVOURA NO ESTRANGEIRO

A camphora

A produção da camphora é ainda um quasi monopólio da ilha Formosa incorporada ao império do Japão depois da guerra com a China.

E' extrahida de suas florestas camphoreiras que, occupando outr'ora toda a região das serras, hoje, devido ao processo devastador com que as exploram, se circumscrevem em zona relativamente pequena.

Então os preços eram exiguos, e a anarchia que assolava a infeliz possessão chinesa chegou a afugentar a procura da camphora natural, pedindo aos laboratorios succedaneos chimicos que a substituíssem.

O Japão restaurou a exploração, constituindo um monopólio official nessa industria, o que determinou a reanimação do mercado e alta de preços, na razão de 50 %, com tendencia sempre para mais.

Até agora a exportação não tem excedido a oito milhões de libras, annualmente, valendo cerca de tres milhões de dollars; e ao passo que a produção diminue pela destruição das arvores, que não são substituidas, a procura augmenta de mais em mais pelas applicações e utilidades crescentes do producto, como sejam a polvora sem fumaça, o cellulóide, etc.

Dahi o incentivo, nos países de clima apropriado, de tentar a cultura da preciosa arvore, melhorados os methodos com que até agora a devastação extractiva a vai destruindo.

E' a applicação do regimen da cultura scientifica, em vez do da extracção selvagem e exhaustiva, tal qual como na borracha.

Da arvore se aproveita, além dos cristaes, a madeira muito cotada na marcenaria pela sua côr de amarelo-ouro e textura setínea, e pela resistencia ao ataque dos insectos; demais, verificou-se que as sementes, em geral, mergulhadas durante algumas horas numa solução de camphora, activam notavelmente sua vitalidade e germinam com força e precocidade extraordinarias.

A ilha de Ceylão, a India, a California, a Florida, o sul da França e da Italia já estão ensaiando essa cultura. Observações e experiencias estão reformando radicalmente os processos obsoletos de extracção pelo sacrificio da arvore a uma só colheita e do preparo rudimentar dos cristaes.

Calcula-se, pelos estudos ainda experimentaes feitos nas recentes plantações do Ceylão, que um acre de terreno occupado por arvores de

camphora póde produzir, em média, 750 litros do producto bruto; sendo o preço corrente 65 cent. por libra, a producção por acre será de 375, que, deduzidas as despesas, se liquidarão em 300.

Uma pequena exploração de seis acres poderá render perto de dois mil dollars por anno, desde quatro annos de cultura inicial.

Em Ceylão, as zonas onde se cultivou o cafeeiro têm-se manifestado optimas para a arvore da camphora; é, pois, mais um factor auspicioso que se offerece á polycultura, tão preconizada como solução da crise economica dos nossos velhos e exclusivos productos de exportação.

Fertilidade

Um boletim do *United States Department of Agriculture* refere o resultado de porfiados estudos e investigações de muitos annos, do *Bureau of Soils*, acerca do interessante assumpto da fertilidade dos solos.

Centenas de amostras de terras, virgens ou longamente cultivadas, foram examinadas, verificando-se em todas ellas a presença quasi igual dos elementos chimicos fundamentaes da alimentação das plantas, nitratos, potassa, phosphatos, cal.

Do que provém, pois, a esterilidade de certos solos, quando, em geral, todos contêm os principios basicos da nutrição vegetal?

Responde o boletim, reeditando a velha theoria de Candalle, por algum tempo tambem de Liebig: é que as plantas excretam substancias toxicas por suas raizes, que são nocivas ás da mesma especie que as secretou e mesmo ás de especies vizinhas, sendo, todavia, em regra, innocuas ás de outras familias ou ordens.

Essas substancias toxicas são destruidas pela applicação dos extrumes, como o de curral, o verde e mesmo outros não fertilizantes, como carvão, hydrato de ferro, etc.

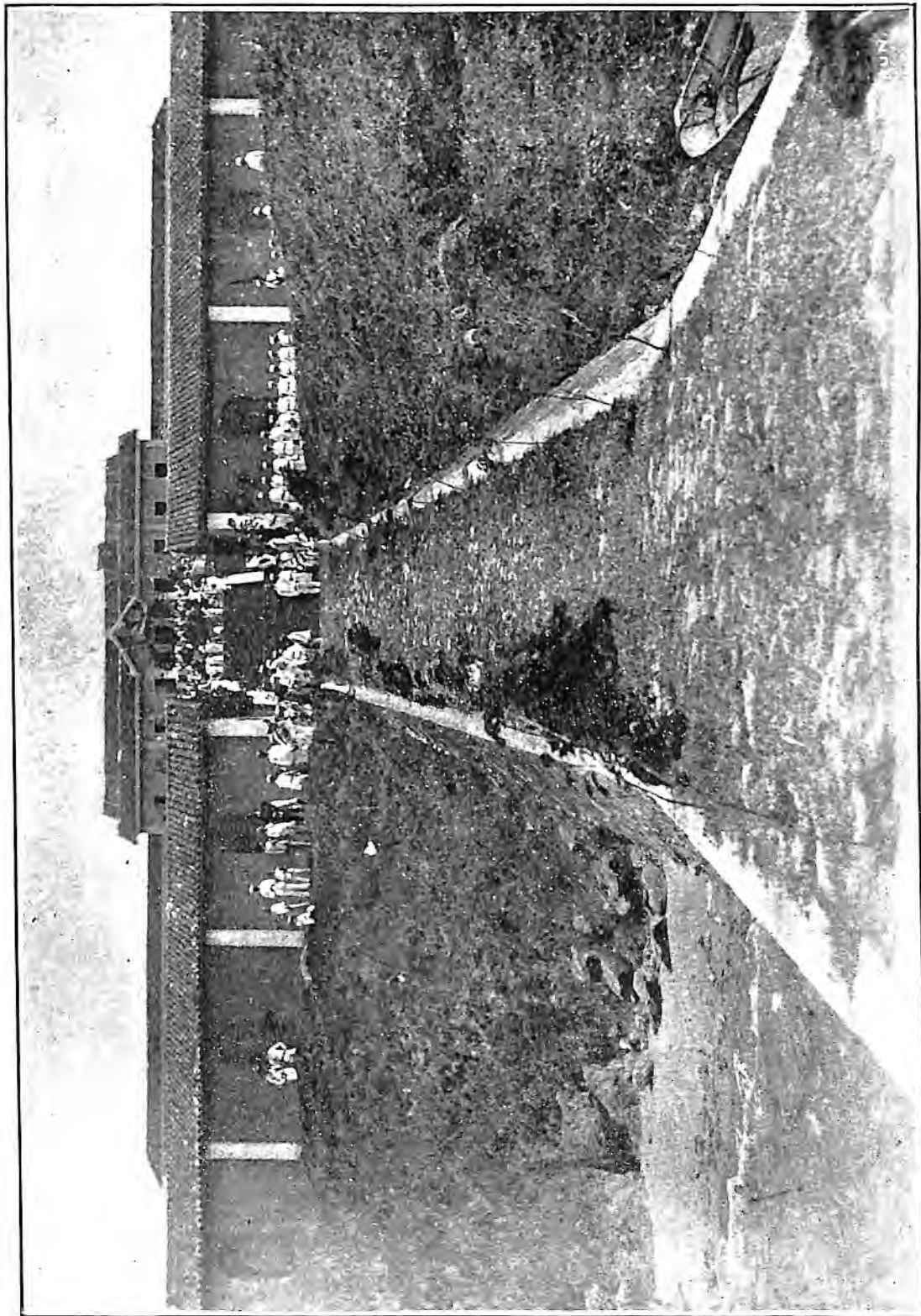
Conclue o boletim que a principal funcção das lavras e dos fertilizantes não é restituir a provisão alimentar das plantas ao solo, que não a perde de todo, antes a conserva sempre em quantidade sufficiente, porém, neutralizar as toxinas.

E' interessante a theoria, principalmente pela grande autoridade que a professa em documento de origem, directa ou indirectamente, official; todavia, praticamente, para matar toxinas ou renovar a provisão alimentar esgotada, ficamos nos mesmos processos therapeuticos ou agrarios — lavrar cuidadosamente e estrumar com discreção.

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

Festa das Árvores

(30 de Novembro de 1919)



HOSPEDARIA DE IMMIGRANTES DA "PEDRA D'ÁGUA"

Entrada do edificio

Visita dos alumnos das Escolas Normal e Modelo

A borracha brasileira e as suas rivaes

A procura cada vez mais intensa e os preços altos da borracha, em cuja produção o Brasil exercia um quasi monopolio natural, vão excitando, onde quer que o clima permite, a cultura da seringueira.

Já não se trata da industria extractiva, mas, da cultura mais esmerada, provida de todos os recursos da sciencia e da experiencia agricola.

Entre esses concurrentes do futuro proximo sobresaee a ilha de Ceylão, cujo progresso na industria agricola, aliás recente, é espantoso, devido á adopção de todos os methods modernos da economia rural e da mais cabal organização agronomica, no que tem demonstradamente de melhor pela sua eficiencia.

Ainda ultimamente o presidente do *meeting* das *Associações de Lavradores* celebrado em Kandy, em seu relatorio annual, ponderava:

« A lucta se avizinha, mas estamos preparados para ella. Ceylão estará muito breve em situação de produzir borracha por preços que vencerão todos os similares concurrentes, naturaes ou artificiaes. Pois, não vimos o chá da gigantesca China, com a sua mão d'obra quasi gratuita, baquear deante da produção da nossa ilha?

Não tenho duvida alguma de que o mesmo acontecerá na proxima lucta da nossa com a borracha extrahida dos seringaes selvagens.

E' a opinião do capital que tão profusamente se offerece de toda parte ás grandes explorações do nosso solo ».

A agricultura e o exercito

Já começou a se diffundir em larga escala o ensino da agricultura pelos exercitos. E' bem de vêr que a utilidade desse ensino não visa o serviço militar activo, senão que entende preparar uma profissão para o soldado, depois de desligado das fileiras e restituído á faina da vida commun dos paisanos.

Tal a importancia social da lavoura, que se está preferindo systematicamente, um pouco por toda parte, o seu ensino ao de qualquer outra profissão.

O unico escriptorio de engenharia agronomica no Brasil é o dos engenheiros F. T. de Souza Reis e P. de Lima e Silva.

Largo da Carioca, 10 — Caixa, 1186 — Rio

A Baviera, Hessa, o Wutenburg e a Alemanha do Sul ensinam a agricultura nos seus quartéis. Nas guarnições de Augsburg, do Alto Palatinado, nas de Stuttgart e Maguncia, muitos regimentos enviam, nas horas de folga do serviço, seus soldados ás conferencias lectivas de engenheiros agronomos, verdadeiros cursos praticos elementares.

Aos domingos, os soldados visitam as granjas-módelos e tomam parte nos seus trabalhos agrarios.

Os commandantes são unanimes em encarecer a solicitude com que os discipulos acompanham as lições, mesmo fatigados dos serviços dos quartéis.

Por sua vez, o commissario imperial, encarregado de informar sobre os resultados de taes escolas, declara que « são um beneficio, pois, graças a ellas, diminuiu o contingente das tabernas e cervejarias, e a propaganda socialista perdeu um pessoal docil, recrutavel pelos oradores proselytistas ».

O Ministro da Guerra alemão, von Einem, extendeu a todo o exercito o ensino agricola.

Na Italia e na Belgica, tambem ha annos, se professam regularmente esses cursos, alcançando extraordinarios beneficios, como attestam militares e civis.

As guarnições de Amberes, Liejanamur, Termondi, Napolis e Palermo têm fornecido excellentes contingentes á agricultura, que melhoram e elevam a producção geral, mercê da instrucção technica obtida pelo meio indicado.

E' mais uma indicação do quanto todos os países porfião em educar proficientemente os seus lavradores.

Novo fertilizante

A questão dos fertilizantes, onde quer que se explorem terras exaustas, é sabidamente de importancia fundamental; por menosprezá-la, muito trabalho e muito dinheiro se dissipam em colheitas falhas e ruinosas.

Entre os fertilizantes, um dos mais efficazes é o nitrato de soda, que provém, na quasi totalidade, das jazidas do Chile, as quaes segundo calculos autorizados, estarão esgotadas dentro de 50 a 60 annos.

A ameaça de faltar á agricultura o precioso adubo azotado de que, em dadas condições, não póde prescindir sem prejuizos graves em suas safras, excita intenso e porfiado esforço de pesquisas nos laboratorios experimentaes.

De feito, ha muitos annos que se procura combinar os elementos do ar por meio da electricidade, para conseguir-se o acido nitrico e produzir-se o nitrato de cal, que é um alimento azotado de primeira ordem para os vegetaes.

Dous sabios noruegueses, o professor Birkeland e o engenheiro Eyde resolveram o problema e com o ar e a electricidade offereceram á agricultura uma provisão inexaurivel de nitrato de cal.

Fundaram a uzina de Notodden, servida por enorme energia hydraulica, geradora de potentissima corrente electrica, que opera sobre o ar; nosapparelhos engenhosos recolhem o oxydo de azoto formado no arco electrico dos fornos e transformado em acido nitrico.

Actualmente essa uzina produz cerca de 300.000 kilos de acido nitrico mono-hidratado, por anno, que são vendidos por preços inferiores aos do nitrato de soda do Chile.

Experiencias têm sido feitas por agricultores abalisados com pleno applauso pelos resultados positivos obtidos.

A questão dos fertilizantes já não é indifferente para muitos dos lavradores brasileiros. Grandes regiões de terras, outr'ora fertilissimas, estão sendo abandonadas por estereis, acarretando o desvalor do capital que representam e anulando fontes de producção, muitas dellas situadas na vizinhança de activos mercados urbanos.

Para essas, principalmente, a cultura intensiva, que contempla nos fertilizantes um de seus elementos primordiaes, tem de ser o expediente da redempção, como por toda parte tem sido.

O gado « Devon »

A revista *Anales de la Sociedad Rural Argentina* publicou um interessante estudo sobre o boi *Devon*, da lavra do Sr. M. Bernardez.

Informa o autor que uma experiencia já antiga demonstra que o gado dessa raça é o mais adequado ao regimen dos pastos naturaes, ao clima sobremodo quente, ás seccas, mesmo as mais inclementes, pois se accomoda a todas as situações, resistindo valentemente quando animaes de outras raças definham e succumbem. E' essencialmente o gado do campo aberto e da plena rusticidade.

« Os campos estão flagellados da sêcca; ha tres meses não chove; os pastos parecem reduzidos a cinzas, e, no emtanto, o *Devon* se mostra

A Sociedade Nacional de Agricultura vende chocadeiras,
por preços especiaes.

nos rodeios gordo, de pello liso e lustroso, podendo ser conduzido a qualquer exposição ou *tattersal* de Buenos-Aires.»

« Lembro-me, diz o autor, da nossa Corrientes, da nossa Santa Fé, do Salto e Jujuy, do nosso immenso Chacos, do Paraguay e Matto Grosso, do Brasil do Centro e do Sul, de S. Paulo, Minas Geraes e Rio de Janeiro, que estão iniciando a evolução pastoril, e vejo de toda evidencia que o *Devon* manteúdo, forte, rustico, frugal, de pequena ossatura e grande rendimento de carne superior, excellentes condições leiteiras, é o gado ideal para todos esses mundos novos da industria pastoril, que só precisam cuidar bem em evitar erros de escolha que custam caro, porque arruinam e desanimam. »

Em uma exposição celebrada em Paysandú, verificaram-se os seguintes pesos medios: Shorthorn, 642 k.; Hereford, 650 k.; Devon, 658 k.; entretanto, na Inglaterra, o peso médio padrão é para o primeiro 1053 k.; para o segundo, 971 k.; para o terceiro, 826 k.; assim, na zona do Uruguay, onde foi feita essa demonstração experimental, e, portanto, nos campos similares, o Durham alcança 62 %; o Hereford, 67 %; o Devon 80 % do desenvolvimento correspondente á tendencia de suas respectivas raças nos países de origem.

O que demonstra que nenhum se adapta melhor ao meio e á alimentação, aos climas quentes e aos pastos selvagens das zonas indicadas, que o *Devon*.

Demais, a sua resistencia á praga, aos carrapatos e outras congeneres é extraordinaria.

Conclue o articulista que, convencido desse merito excepcional do *Devon*, o dr. Assis Brasil adquiriu na Argentina varios touros para a sua estancia de Pedras Altas, no Rio Grande do Sul.



NOTICIARIO

Festa das Arvores — O movimento operado, nesse sentido, no Brasil, teve o seu inicio no Estado de S. Paulo, no anno de 1902, e foi promovido pelos Drs. João Pedro Cardoso e Heitor de Sá, então inspectores agricolas naquelle Estado.

Foi elle consequencia ou uma das applicações da actividade do serviço agronomico do Estado de S. Paulo, fundado em 1900, pelo coronel Fernando Prestes, que tinha como seu secretario da agricultura o illustre Dr. Alfredo Guedes, já fallecido e de saudosa memoria.

ESTADO DO ESPIRITO SANTO
Festa das Árvores
(30 de Novembro de 1909)



« PEDRA d'ÁGUA » — VICTÓRIA

O Dr. Jerônimo Monteiro, presidente do Estado, plantando uma árvore Páu Brasil, em frente do edifício da Imigração

A inauguração da festa das arvores, no Brasil, coube ao Dr. João Pedro Cardoso, que a realizou em Araras, no dia 7 de junho de 1902, reproduzindo-as depois em Campinas em 12 de outubro de 1902 e em Itapira a 3 de maio de 1903.

Por ocasião da inauguração dos grupos escolares das cidades de Jaboticabal e Jahú, o primeiro a 20 de setembro de 1903 e o segundo a 28 de novembro do mesmo anno, o Dr. Heitor de Sá fez na mesma data, a festa das arvores, em cada uma das referidas cidades, sendo que a de Jaboticabal, á qual assistimos, foi um verdadeiro successo.

Agora temos a satisfação de transcrever do *Diario da Manhã*, organ official do Estado do Espirito Santo, do dia 2 de dezembro do anno passado, a noticia referente á festa das arvores, realizada em *Pedra d'Agua* (Victoria).

« Com a imponencia com que costumam se revestir as festas promovidas pelo Sr. professor Gomes Cardim, realizou-se, ante-hontem, na *Pedra d'Agua*, a festa das arvores.

Desde cedo o edificio da Escola Modelo, local em que se deviam reunir os alumnos que tomaram parte no bello festival, apresentava brilhante aspecto, que lhe davam os collegiaes que para alli se dirigiam.

Nas immedições do estabelecimento tambem se notava grande movimento de familias e populares ansiosos por assistir o desfile dos alumnos e do garboso batalhão infantil.

Cerca de 11 horas chegavam ao cães do Imperador, incorporadas, as alumnas da Escola Modelo, seguindo-se-lhes as da Normal, escola isolada da villa Robim e grupo escolar Gomes Cardim, dando-se então na maior ordem o embarque no vapor *Cintra*, a cujo bordo já se encontrava o illustre inspector do ensino, tudo promovendo para que não houvesse confusão nem atropello.

Por esse tempo, o povo que estacionou naquelle local, apreciando o bello espectáculo que offereciam as innumeradas creanças todas uniformizadas e em selecta formatura, dirigidas pelos respectivos professores, dava passagem ao luzido batalhão infantil que, sob o commando do distincto capitão Ayres Tovar, e puxado por vibrante dobrado que executou sua apreciada banda, fez, ao chegar, as continencias do estylo, embarcando tambem no *Cintra*, em cujo tombadilho executava a banda do corpo militar de policia esplendido dobrado.

A's 11 horas e 20 minutos aquelle vapor deixava o cães enquanto os jovens estudantes, presos do maior enthusiasmo, entoavam a canção do barqueiro.

Ao meio dia, o *Cintra*, acompanhado da lancha *Victoria*, conduzindo os alumnos das escolas do Porto das Argolas e respectivas professoras chegava á *Pedra d'Agua*, fazendo-se o desembarque com a maxima regularidade.

O batalhão infantil tomou posição no terceiro plano, onde fez varias manobras e as continencias do estylo e ahi aguardou a chegada do chefe do Estado e comitiva.

Os demais alumnos ficaram nas proximidades do edificio da immigração, extendidos em linhas parallelas, sendo então pelo Sr. Dr. Gomes Cardim feita a distribuição dos instrumentos para o plantio dos arbustos.

Para adquirir-se uma esplendida chocadeira por preços extremamente reduzidos basta dirigir um pedido á Sociedade Nacional de Agricultura

Dividido o terreno em tres planos, foram elles occupados : o primeiro por 37 alumnas da Modelo e Normal, o segundo por 36 da Modelo, grupo escolar e escola das Argolas e o terceiro por 36 da Modelo e Argolas, occupando grupos de alumnas outras posições.

A 1.1/2 da tarde chegava a bordo do *Cintra* o Sr. Dr. Jeronymo Monteiro acompanhado de seu ajudante de ordens e auxiliares da administração, deputados e outras autoridades, sendo recebidos no caes pelos Srs. Drs. Gomes Cardim e Deocleciano de Oliveira.

A' passagem de S. Ex. para o estabelecimento principal da Pedra d'Agua, o batalhão infantil prestou as continencias devidas, executando tambem a banda de policia o Hymno Nacional á chegada do chefe do Estado, que foi recebido por estrepitosa salva de palmas vibrada pelos presentes.

Após alguns momentos de descanso no salão principal, S. Ex. e comitiva dirigiram-se para o pavilhão á direita, onde teve inicio então a execução do programma.

Assim é que foi entoadado com alma o Hymno Nacional por todos os alumnos, acompanhados pela banda infantil, findo o que o Sr. presidente do Estado deu a palavra ao Dr. Deocleciano de Oliveira que, ao assomar á tribuna, recebeu merecida ovação do selecto e numeroso auditorio.

A oração do distincto e talentoso conterraneo, cuja modestia nos priva de dá-la na integra, foi uma peça de alto valor, sendo ao terminar ruidosamente applaudido.

Falou ainda o intelligente alumno Floriano Tovar, pronunciando com avismavel correcção bello discurso, o que lhe valeu muitos applausos.

Antes foi cantada com bastante expressão *As quatro estações* pelas alumnas do 1º e 2º annos da Escola Modelo.

Em seguida o applicado menino Carlos Cardim recitou a poesia *Quem poupa as arvores encontra thesouro*, merecendo justas ovações.

Do programma foram ainda executadas com a maxima perfeição as seguintes partes : *As arvores*, pela alumna Elvira Espindula de Araujo ; *As Selvas*, por Alceu Vieira ; *A festa da natureza*, pela menina Maria Lucia ; *A derribada*, por José Furtado ; *A derribada* (de B. Cepellos), por Ayres Tovar e discurso por Dinorah Nunes.

Procedeu se, então, a distribuição do jornal *A Patria*, organ dos alumnos da Escola Modelo.

Após pequeno descanso, realizou-se a cerimonia do plantio das arvores no meio do maior enthusiasmo, de que se achavam possuidos todos os corações alli presentes.

Foi uma cerimonia tocante essa e que encontrou a mais funda repercussão na alma de quantos tiveram a ventura de tomar parte e assistir a encantadora festa.

Tomadas as posições respectivas, foi feita a primeira plantação : um arbusto de *Pau brasil* pelo Sr. Dr. Jeronymo Monteiro, enquanto as alumnas cantavam o hymno das arvores, delicada composição do maestro Auñon Sierra.

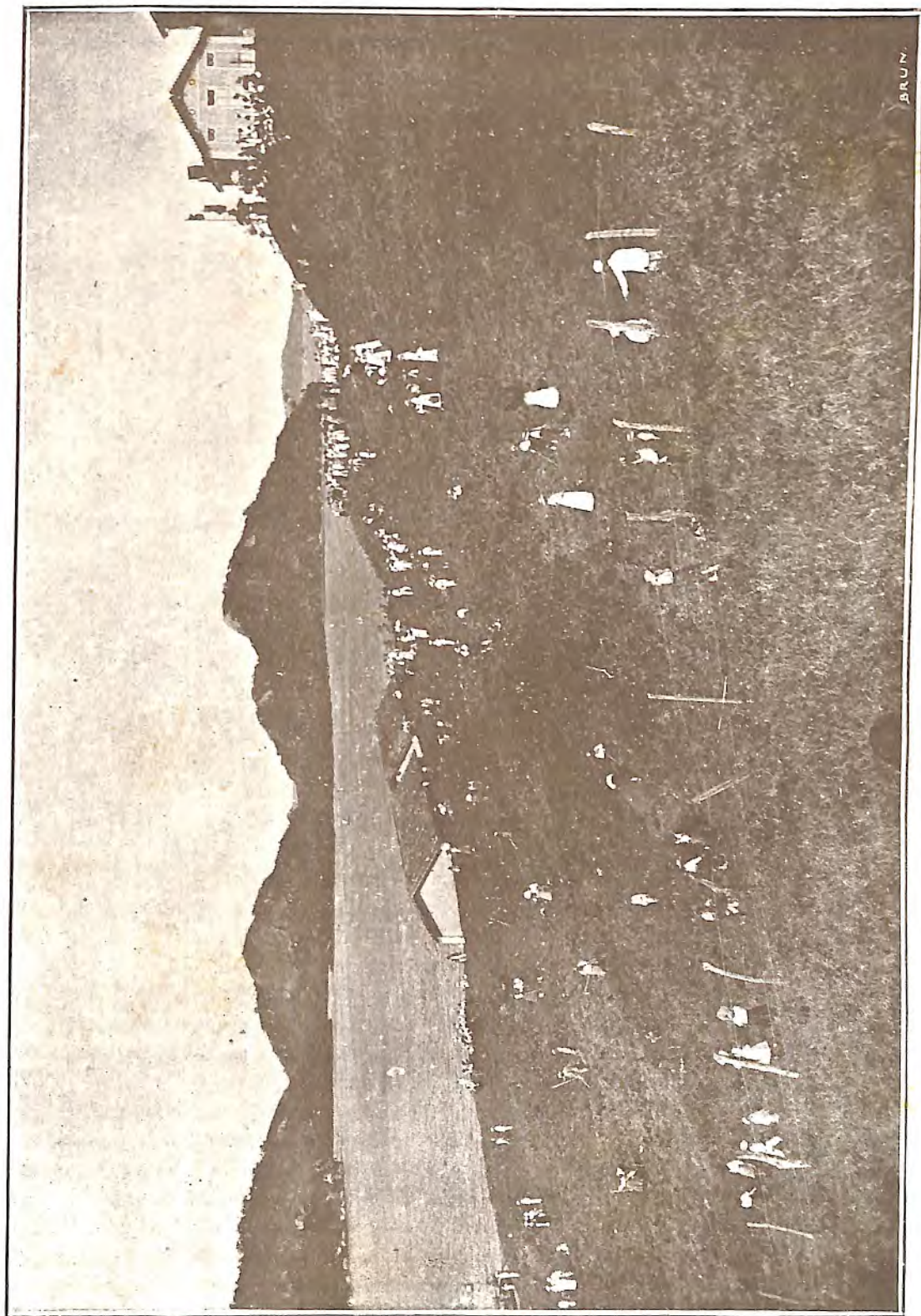
A um signal dado pela corneta do batalhão infantil, foi então feito pelas alumnas o plantio de outros arbustos, ao todo 106.

Teve começo em seguida a execução da terceira parte do programma com o *Collectivo de bastões* pelos alumnos da Escola Modelo, acompanhando a banda do batalhão infantil.

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

Festa das Árvores

30 de Novembro de 1909



« PEDRA d'ÁGUA » — VICTORIA

Plantio das arvores, pelos alumnos e alumnas das Escolas Normal e Modelo

Esses exercícios foram effectuados com grande regularidade e desembaraço, ouvindo-se ao terminar estrondosa salva de palmas.

Realizou-se ainda o *collectivo de alteres* por alumnos da Escola Mololo; *Pulo em altura*, por alumnos do 3º e 4º annos; *Pulo em distancia*, pelos alumnos do 1º anno complementar e *collectivo de esgrima de bayonetes*.

Foi sem duvida alguma a nota mais captivante e que mais funda impressão causou aos assistentes o assalto de bayonetes constante da parte *sportiva* do programma.

A segurança, a agilidade, a calma com qua se portaram os alumnos que nelle tomaram parte merecem especial destaque não só por se tratar de exercícios de difficil execução, mas tambem pelo pouco tempo que tiveram aquelles moços para fazer a devida aprendizagem que os habilitasse a se apresentar no campo com tão notavel desembaraço.

Grandemente justos foram os applausos que lhes deram os assistentes.

O adeantado da hora impediu que fossem levados a effecto alguns numeros do programma.

Minutos depois, o Sr. Dr. Jeronymo Monteiro e comitiva retiraram-se com as mesmas formalidades, tendo antes o Chefe do Estado felicitado calorosamente o Sr. inspector geral do ensino, Dr. Gomes Cardim, pelo brilhantismo da festa que acabava de realizar.

Foi feita momentos depois a distribuição de doces e refrescos ás creanças, tendo tambem sido offerecidos aos convidados doces e bebidas.

A's seis horas da tarde o *Cintra* e a *Victoria* conduziam para esta capital a mocidade escolar, professores e demais convidados, sendo durante a viagem entoados varios hymnos e executados pelas bandas infantil e policial bellos trechos musicaes.

Assim terminou o attrahente festival que tão grata e duradoura impressão deixou no espirito da sociedade espirito-santense, cuja iniciativa e exito brilhante se devem aos esforços e á boa vontade do illustre pedagogo, Dr. Gomes Cardim, infatigavel inspector do ensino a quem o *Diario* felicita.

Ascurra Basse Cour — Foi muito agradavel a impressão que trouxemos da visita a Ascurra Basse Cour, um bom estabelecimento no seu genero, onde encontram-se regularmente cerca de 50 a 60 variedades de gallinhas de raça para reproducção.

Essas gallinhas geralmente de origem estrangeira são importadas das melhores casas de Londres, França e Alemanha e uma vez acclimadas ao nosso clima são reproduzidas e vendidas aos criadores.

A reproducção se faz em *couvesses* e *eleveuses* de systemas francezes e americanos e tivemos occasião de ver uma centena de frangos de tres a cinco meses de uma belleza extrema, rivalizando com seus progenitores, saídos das exposições de Londres e Paris. Esses animaes nascidos e criados sob o nosso clima são de muito

O arame farpado da Sociedade Nacional de Agricultura é bom e barato

mais resistencia e melhores productores, pois os animaes importados perdem muito tempo em se conformarem com o clima e as grandes intemperies podem fazer-lhes affecções tão fortes que ficam por muito tempo incapazes de re-produzir.

A *couveuse* artificial entre nós não dá grande porcentagem como é natural, devido á influencia do clima directa nosapparelhos, precisando uma installação especial, que o seu proprietario cuida fazer actualmente.

Concluida essa installação, dotada de mais numerosos apparelhos, a Ascurra Basse Cour poderá produzir annualmente de dous a tres mil frangos de raça para reproducção, o que já é alguma cousa para o nosso meio.

O processo adoptado para a acclimação das aves recentemente importadas consiste em dar-lhes um tratamento muito semelhante ao de seu pais de origem, para o que são recolhidas em gallinheiros muito assejados e confortaveis, com cerca de 40 a 50 metros quadrados de superficie, arborizados, e com oito a 10 metros quadrados de cobertura, onde dormem e ficam nos dias chuvosos. Essas installações dão para ruas que vão sair num grande parque de cerca de 500 metros quadrados de superficie, todo arborizado e gramado, onde todos os dias vão pastar algumas dezenas de gallinhas alternadamente.

Actualmente, a Ascurra Basse Cour tem 66 dessas installações completamente cheias como adeante mencionaremos, dois parques para pintos e uma grande sulca para as aves.

Entre as raças que vimos podemos notar as seguintes: raças grandes para açougue: conchinchinas brancas, pretas, amarelas e perdizes, brahmas claras e escuras, Plymouth rocks brancas, amarellas e pedrezes, Dorkings brancas, prateadas e escuras, Orpingtons brancas, pretas, amarelas e jubileo, Wvandottes brancas, pretas, amarelas, perdizes, prateadas e columbianas, Rhoad Island Red Langshans, e Coucou de Maline.

Gallinhas poedeiras: Leghorns brancas, amarelas e douradas, Hamburgos prateadas e douradas, Minorcas brancas e pretas, Andaluzas, Red-Cap, o Bresses brancas e pretas.

Gallinhas bonitas para parque: Padoues brancas, pretas de topete branco, amarelas, douradas e prateadas, Houdans, Creven cour, La Fleche, Phenix. Fave-rolle, e algumas variedades de Bentams (garnizés).

Gallinhas de briga: Indianas, Malaias e Old England Game.

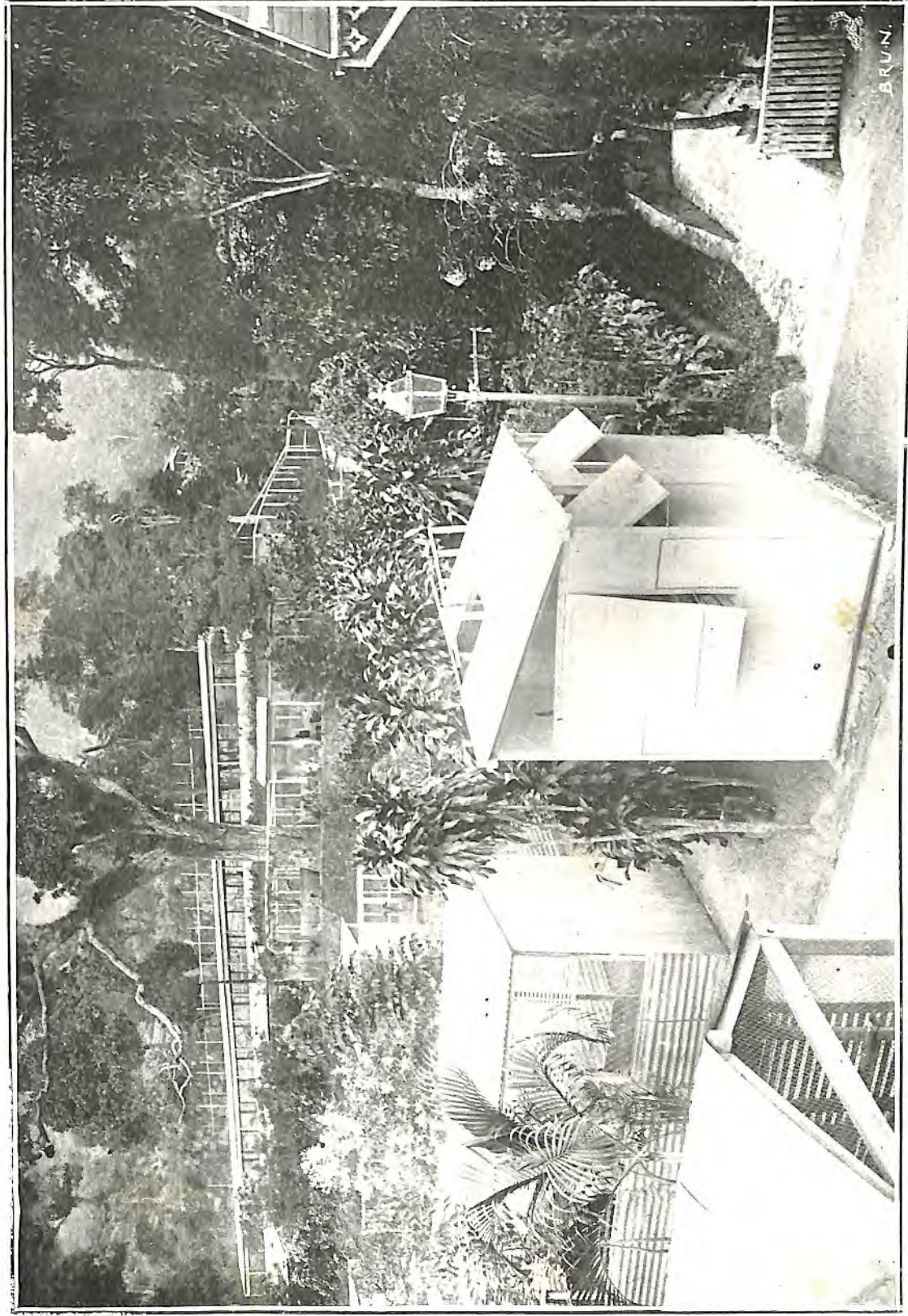
Além dessas raças tambem vimos bonitos faisões prateados, dourados, Lady, bonitos pombos da Australia, Seriemas, Jacús e outras aves, todas de muito boa apparencia, mostrando uma magnifica saude.

Para melhor idea do leitor sobre as bonitas installações da Ascurra Basse Cour fizemos extrahir algumas photographias que illustram a presente noticia.

A producção de ovos da Basse Cour é actualmente de cinco a seis duzias diarias, subindo algumas vezes a sete e oito duzias, conforme a estação.

Os pintos que vimos estão muito desenvolvidos e são criados em criadores ou caixas quentes até dous mezes quando passam para outras caixas abrigadas, mas sem calor. São nutridos com aveia, fubá, triguilho e outros creaes em pó, além de vermes e leite que são os alimentos preferidos. Os doentes são sacrificados para evitar o contagio, quando dentre dous a tres dias não são curados ou não apresentam melhoras reaes.

GALLINHEIROS DO « ASCURRA BASSE COUR »



Propriedade do Dr. Calmon Vianna, na Ladeira do Ascurra 5, Rio de Janeiro

As encubadoras actualmente existentes, que são insufficientes, têm capacidade para trabalhar com 800 a 1000 ovos mensaes.

O stock de aves da Ascurra Basse Cour é actualmente de cerca de 500 aves entre gallinhas, frangos, faisões, etc.

Occupam-se no serviço da Basse Cour cinco pessoas, sendo um gerente, dois *poultrymens* e dois chacareiros.

O Dr. Calmon Vianna proprietario da Ascurra Basse Cour mandou contractar em Londres o conhecido *poultrymans* Mister Leo L. Farmess para vir tomar conta da sua Basse Cour, tendo este especialista chegado pelo *Aragon*.

A uva.— Do Sr. Georg Boettger, residente em Brusque, Estado de Santa Catharina, recebemos uma carta, que abaixo transcrevemos e cujo conteudo se liga ao artigo que, sob a epigrapho *Uva*, em lugar de feição deste Boletim publicamos.

Agradecendo a expontaneidade da lembrança, damos a palavra ao Sr. Boettger.

«A' Sociedade Nacional de Agricultura. Rio de Janeiro.

Exm. Sr. Presidente — Depois de alguns annos de observações respeito á cultura da videira entre nós, pensei talvez fosse de proveito a outros cultivadores desta zona de publicar os resultados.

Incluso remetto á sociedade um exemplar da tal publicação, pedindo acceital-o.

Com estima e consideração, sou de V. Ex. Cr. Obr.— GEORG BOETTGER.

Legislação Agricola do Brasil.— D'O *Paiz* de 20 de março do corrente anno, extrahimos as linhas que, data venia, damos abaixo; e, pelas palavras benevolas com que distinguiram esta Sociedade, os nossos mais vivos e sinceros agradecimentos.

« Esta secção foi distinguida com a offerta de um exemplar da *Legislação agricola do Brasil*, preciosa collectanea das leis e actos dos nossos poderes publicos, relativos á agricultura, cujo primeiro volume acaba de ser dado á publicidade, pelo illustre Dr. Wenceslão Bello, digno Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Em verdade, esta prestadia corporação de amigos e profissionaes da civilização rural do Brasil teve a idéa de apresentar o referido trabalho entre outros que lhe foi dado organizar para a ultima exposição nacional de 1908. Mas foram, sem duvida, as difficuldades inherentes a todas as pesquisas historicas, incompativeis com a rapidez havida no projecto e execução do mencionado *certamen*, que determinaram o retardamento da presente publicação.

Não era facil tarefa « desentranhar das collecções de leis, esquecidas nos archivos, os testemunhos do zelo com que as passadas gerações de estadistas promoveram a riqueza do país, pelo aproveitamento de seus factores naturaes.

O volume que temos sob os olhos, é apenas o primeiro de uma serie que se nos afigura não será pequena.

São de pura raça e já criadas no país as gallinhas do Horto da Penha
Sociedade Nacional de Agricultura

Conforme o plano exposto pelo illustre Dr. Wenceslão Beilo, o tratado completo será dividido em dois periodos — o Imperio e a Republica — contando-se o primeiro de 1808 a 1889 e o segundo dessa ultima data até 1907, o anno anterior á referida exposição de 1908.

Cada um desses periodos é subdividido nos seguintes capitulos : 1º, agricultura ; 2º, industria pastoril ; 3º, immigração ; 4º, colonização ; 5º, impostos ; 6º, ensino agricola ; 7º, legislação florestal ; 8º, credito agricola ; 9º, industrias rurales ; 10º, finalmente, industrias extractivas.

Como se vê, basta essa relação para indicar a importancia do trabalho feito pelos antigos legisladores do Brasil.

Quasi todos os serviços do actual ministerio da agricultura encontram aí a sua tradição, o esforço muitas vezes theorico, que se não traduziu em realidades beneficas ; mas, em todo o caso, a prova de necessidades que hoje devem ser attendidas com tanto maior rapidez quanto antiga é a comprehensão que dellas já tinham aquelles que de longo tempo observavam as precarias condições de economia nacional.

Comprehendendo exclusivamente a parte de agricultura e essa mesma de 1808 a 1889, o presente volume está cheio de ensinamentos preciosos, que muito servem aos que ora trabalham com patriotismo para levantar o nivel da nossa vida agricola.

Os nossos antepassados muita coisa fizeram de bom, de admiravel mesmo, conforme consta desta rica collecção. Entretanto, é doloroso dizer, em bem da verdade e como um estímulo ás modernas gerações, que esse trabalho foi em grande parte dissolvido por subsequentes desleixos e abandono, apesar dos primeiros frutos lisonjeiramente conquistados.

No terreno economico, especialmente no campo da actividade agricola, a persistencia não tem sido uma qualidade dos brasileiros, tanto no ponto de vista da iniciativa particular, como no ponto de vista da legislação e da iniciativa dos governos.

E' urgente romper com esse processo negativo de acção que surge e desaparece como brinquedo de crianças inexperatas e voluveis. Para isso, para essa reacção nobre e salutar, cumpre que os governos subsequentes ao actual continuem a bella orientação que aos negocios da agricultura vai desassombradamente imprimindo o digno Dr. Rodolpho Miranda.

E, tornando ao volume que nos desperta essas considerações, permittido nos seja dizer que, excepto a questão de difficuldade nas pesquisas, não vemos bem uma razão plausivel para que se comece o historico da legislação agricola apenas em 1808.

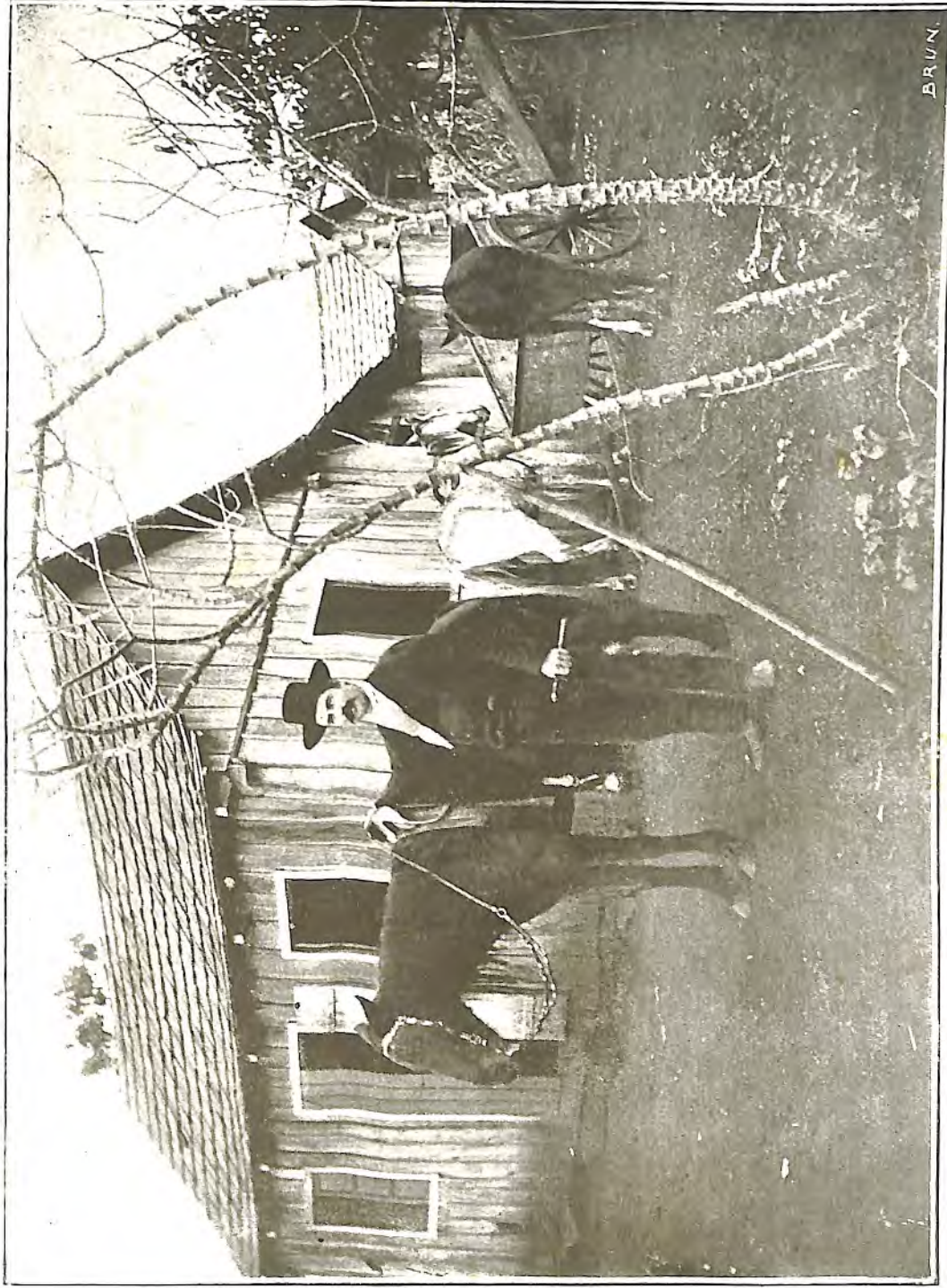
Se nessa época o Brasil era nominalmente um reino que nesse caracter se manteve até 1822, sabe-se que de facto antes dessa data eramos uma colonia da metropole portuguesa. Apenas o rei aqui obrigado a residir e aqui decretava as medidas de caracter politico e economico, de que necessitava o nosso país, ao passo que antes de 1808 essas coisas vinham traçadas da metropole portuguesa, em forma de cartas régias.

Ora, essas cartas régias representam um enorme e primitivo contingente administrativo para a organização de nossa vida economica e agricola.

Não raro, muitas dellas synthetizam a sabedoria e o patriotismo dos governadores do Brasil, que suggestionavam as medidas adoptadas pela metropole.

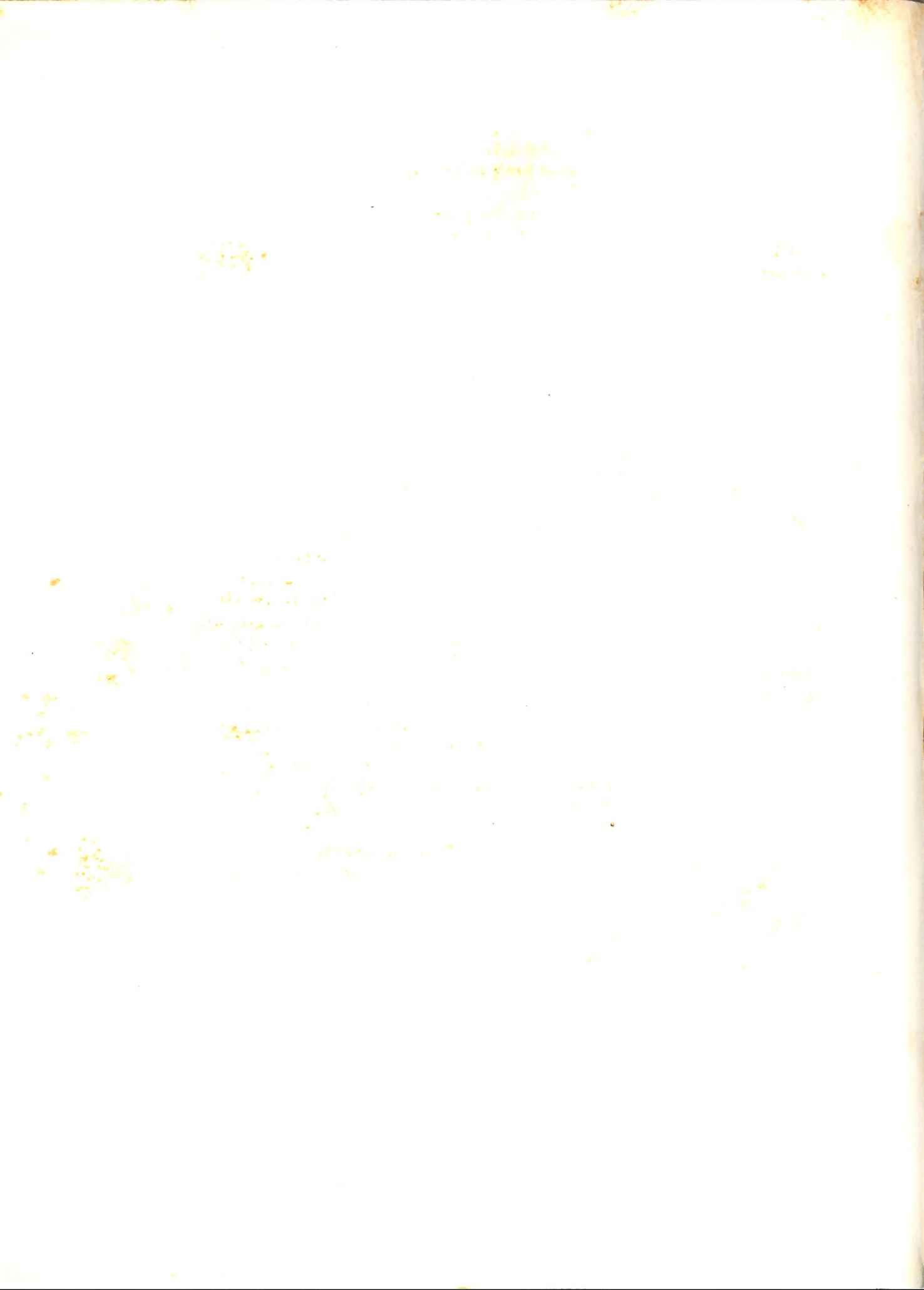
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

COLONIA DO ALTO URUGUAY, SITUADA NO MAGISTOSO VALE DO RIO URUGUAY.



BRUN.

Habitação do colono suéco, João Englonde.



Ahi está a nossa historia economica, a nossa historia agricola, assim como, todas as outras modalidades administrativas da evolução nacional.

Como dispensá-las, a essas, ás vezes notabilissimas cartas régias, ao fazer-se uma collecção das leis e actos dos poderes publicos relativos á agricultura?

Como dissemos acima, não vemos outra razão, para isso, senão as difficuldades das pesquisas; mas é forçoso confessar que a omissão de um tão largo periodo de trabalho preparatorio da actividade agricola brasileira, constitue uma lacuna que occorre lembrar deante do util volume agora publicado pela Sociedade Nacional de Agricultura.

Semelhante observação, porém, não deve absolutamente trazer a mais leve idéa de uma censura. Trata-se de um desejo ingenuamente formulado com inteira sinceridade.

O presente trabalho deu-nos a sensação de uma evolução historica da agricultura brasileira, no ponto de vista da respectiva legislação. Tivemos o prazer sadio que inspiram as coisas uteis, desejando ainda mais, desejando que essa evolução fosse apanhada de um periodo mais remoto, destacando as phases de nosso primitivo e lento trabalho agricola.

De certo, semelhante exigencia é uma virtude emanada do volume que nos foi prodigalizado por esse trabalhador incansavel que é, inequivocamente, o Dr. Wencesláo Bello.

Colonização.— Entre os diversos lotes da colonia do Alto Uruguay, situada no majestoso valle do Rio Uruguay (Estado do Rio Grande do Sul) conta-se, entre os mais prosperos, o do colono sueco João Englande.

Na photographia do referido lote que ao lado estampamos, vê-se o proprietario do lote Sr. João Englande, ao lado de sua casa e preparado para dar um passeio a cavallo.

Um extraordinario pé de mandioca, pois, mede mais de sete metros de altura, revela a fertilidade daquella terra, que ainda tem a proteger-lhe as condições climatologicas daquella região.

A qualidade desse colossal arbusto de mondioca é a de *rama negra*.

Associação Commercial do Maranhão.— Daquella prospera Sociedade, instituida em 5 de fevereiro de 1878, em successão á antiga, recebeu esta Sociedade, uma circular nos seguintes termos:

E'-me grato communicar a V. Ex. que, em sessão de assembléa geral, ordinaria, hoje, foram impossados os dirigentes desta agremiação, eleitos, a 17 do corrente, para o novo anno social, pela forma seguinte:

Directoria

Presidente — Emilio José Lisboa.

Vice-Presidente — José João de Sousa.

1º Secretario — José Corrêa de Carvalho.

2º Secretario — Manoel Coelho Pecegheiro Junior.

Thesoureiro — Antonio Rodrigues Martins.

Vogal — José Alves Martins de Sousa.

» — Arthur Leão e Silva.

» — Manoel Satyro Lopes de Carvalho.

» — Viriato José Gonçalves.

Contando que V. Ex. continuará a dispensar a esta corporação a consideração com que sempre a distinguiu, sirvo-me do ensejo para apresentar a V. Ex. os protestos do mais elevado apreço.— O 1º Secretario,— *José Corrêa de Carvalho.*

Immigrantes desembarcados no porto de Santos durante o mês de

FEVEREIRO DE 1910

Italianos	597
Espanhóes.	360
Portugueses.	742
Turcos	23
Alemães.	60
Austriacos.	22
Franceses	3
Brasileiros.	63
Russos	144
Argentinos	5
Inglezes.	3
Gregos	2
Hollandeses	6
Uruguayos	2
Chilenos.	2
Peruanos	1
Japoneses.	1
Suissos	7
Total	2.043
 Espontaneos.	 1.444
Subsidiados	599
Total	2.043
 Europa	 1.349
Asia.	13
Africa.	186
Norte America	0
Argentina, Uruguay	341
Diversos portos	154
Total	2.043

Immigrantes entrados no porto do Rio, no mês de Fevereiro de 1910

ENTRARAM 2.149

Sendo :

Portugueses.	1.399
Espanhóes.	240
Italianos.	147
Alemães.	107
Austriacos.	55
Brasileiros.	48
Franceses.	47
Russos.	30
Syrios.	18
Norte Americanos.	14
Inglezes.	10
Hollandeses.	8
Servios.	7
Argentinos.	5
Belgas.	2
Irlandeses.	2
Romaicos.	2
Suissos.	2
Senegalês.	1
Finlandês.	1
Grego.	1
Hungaro.	1
Indiano.	1
Japonês.	1
Total.	<u>2.149</u>

Constituidos em familias agricultoras.

Portugueses.	13	familias de	40	personas
Espanhóes.	1	»	5	»
Italianos.	5	»	16	»
Alemães.	14	»	74	»
Austriacos.	3	»	22	»
Franceses.	7	»	23	»
Russos.	2	»	9	»
Hollandeses.	1	»	4	»
Servios.	1	»	5	»
Total.	47	»	<u>198</u>	»

De outras profissões.

Portugueses	62	familias de	162	possos
Espanhóis	14	» »	42	»
Italianos.	9	» »	28	»
Alemães	1	» »	2	»
Austriacos	5	» »	22	»
Franceses.	2	» »	8	»
Russos.	2	» »	5	»
Americanos.	2	» »	9	»
Argentinos.	1	» »	2	»
Total.	98	» »	280	»

Collocação :

Pernambuco.	7	possos
Bahia.	5	»
Espirito Santo.	11	»
Districto Federal	5	»
Rio de Janeiro.	17	»
Minas Geraes.	87	»
S. Paulo	39	»
Paraná	106	»
Santa Catharina.	1	»
Rio Grande do Sul.	72	»
Somma.	438	»
Os restantes.	1.711	
Que faltam para completar os	2.149	

não foram collocados por intermedio da Immigração, porque vieram com destino certo.

Destes 2.149 immigrants, vieram :

Esponaneos.	2.061
Subsidiados	88
	2.149

E eram :

Homens	1.701
Mulheres	448
	2.149

Dos quaes são :

Solteiros	1.169
Casados.	951
Viuvos	29
	2.149

E de entre estes contam-se :

Maiores de 12 annos	1.937
Entre 12 e 7 annos.	73
» 3 e 7 »	83
Menores de 3 »	56
Total	<u>2.149</u>

A borracha e o governo brasileiro. — Com este titulo e assignado E. M., publica o jornal *La Gutta Percha*.

« O Governo Brasileiro envida, actualmente, grandes esforços para estimular a industria da borracha e augmentar a producção que não cresce em proporção do consumo.

Em consequencia da alta do preço de importação da borracha, resultante do afastamento das explorações e das difficuldades de transporte, o Governo do Estado do Pará dirigiu uma mensagem á Assembléa do Estado no intuito de convidar os exploradores a terem mais cuidado na extracção do « latex », e principalmente para encorajá-los a fazer uma cultura em regiões mais accessiveis, de modo a poderem sustentar a concorrência das sociedades orientaes.

O Governo visa a necessidade de regulamentar a extracção, fixando a época na qual deve ser feita a primeira incisão e a altura acima do solo.

Sendo a borracha um dos productos mais importantes e uma das fontes de riqueza do Brasil, decidiu-se o Governo a fazer reaes esforços para salvaguardar suas riquezas e desenvolver a exploração, segundo os methodos mais modernos e mais scientificos.

Depois, o Governo Brasileiro, está resolvido a desenvolver a plantação methodica.

Está em discussão, actualmente, o projecto de offerecer aos que queiram plantar um milhão de arvores ou mais, o terreno e a isenção de direitos, de todos os direitos sobre a exportação da borracha por longo tempo, mediante participação do Governo nos beneficios.

Como o unico territorio em que o Governo Federal é senhor supremo é o territorio do Acre, territorio federal, estando as outras regiões sob a fiscalização immediata dos Governos dos diversos Estados, a experiencia será tentada primeira-mente nessa região. O solo e o clima do territorio de Acre são reputados, como favoraveis a essa cultura. O cacáoeiro ahi cresce igualmente bem.

Certo, esta proposta será adoptada em 1910, após a votação dos orçamentos.

Sentimo-nos felizes em assignalar que o Governo Brasileiro entra brilhantemente na via de favorecer a plantação. Já aqui mesmo deixamos indicada a nossa opinião a esse respeito, e as difficuldades da distancia e do transporte, que inquietam os nossos amigos brasileiros, previnimo-las em um dos nossos estudos, ha alguns meses.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100\$ e joia de 50\$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura

Assignalavamos por esse tempo a impossibilidade em que se veria um dia a borracha do Brasil de concorrer com as respectivas plantações no Oriente. Já preconizámos, então, em districtos mais accessiveis que as regiões longinhas dos afluentes do alto Amazonas.

Portanto, só podemos bater palmas á mensagem do Governo do Estado do Pará e ao projecto do Governo Brasileiro.

Apenas uma objecção pôde ser ainda feita: o territorio do Acre é, abstracção feita de seu solo e de seu clima, favoravel para se tentar ali a plantação? As difficuldades de transporte não nos parecem menores nessa região longinqua do Brasil que nas regiões do Alto Amazonas. A mão de obra ali constituirá tambem, acreditamo-lo, um outro obstaculo ao desenvolvimento da plantação.

E' um começo, todavia, e deve-se esperar que o exemplo dado pelo Governo Federal será seguido pelos governos dos Estados, aos quaes a cultura da borracha interessa no mais alto gráo e que esses governos offerecerão as facilidades analogas ou equivalentes aos plantadores.

E' tempo já de se pensar nisso, pois que se não pôde esquecer que 600.000 acres de culturas no Oriente despejarão diariamente sua producção no mercado, antes que as producções brasileiras estejam em pé do produzir.

Escritorio de engenharia civil e agronomica — Os Srs. engenheiros F. T. de Sousa Reis e P. de Lima e Silva, acabam de installar, nesta cidade, ao largo da Carioca n. 10, um escritorio de engenharia civil e agronomica.

Competentes, laboriosos e cheios de fé e de enthusiasmo pelo progredimento deste grande Brasil que lhes é tão caro, como tambem a nós; dispondo, além disso, de auxiliares idoneos e zelosos, os illustres engenheiros promettem encarregar-se do preparo de plantas, projectos e orçamentos de construcções irreprehensíveis sob o ponto de vista hygienico, quer para pessoas de tratamento, quer para colonos.

Incumbem-se tambem de installações de luz e força, irrigações, drenagens e construcções de estrada, e, o que muito nos interessa, do preparo de terras para plantação, sementeira e colheita do arroz, café, canna, cacáo, milho, fumo, e de analyses de terra e forragens, etc.

Fazendo votos pela prosperidade da empresa a que se deram os distinctos engenheiros, daqui os applaudimos com enthusiasmo, e chamamos a attenção dos interressados para o annuncio que vae na secção competente deste « Boletim ».



EXPEDIENTE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Horto da Penha

Visitaram o Horto Fruticola da Penha, durante o mês corrente os seguintes

Srs:

João da Cruz Araujo.

Augusto da Cunha D. Estrada.

Geraldino Ferreira Paula.

Clovis de Freitas.

Geraldino Ferreira Paula.

Geraldino Neto Paula.

Cap. Liberato Bittencourt.

Liberato Bittencort Filho.

Cap. Vital de Oliveira Araujo.

Dr. Oscar Francisco de Freitas.

Secção Technica

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O Sr. Lino Gomes, pergunta o que significa a expressão *terras fortes*, muito commum nos trabalhos portugueses.

R. Chamam-se *as terras fortes* as em que a argilla ou barro existe em grande quantidade; seu character essencial é o de endurecerem e de abrirem com a força do sol. As terras assim denominadas são diffices aos trabalhos aratorios, especialmente na estação seca; não são muito convenientes ás plantas, devido não só a excessiva seccura, como ainda por impedir o desenvolvimento das raizes.

O Sr. João Assumpção, lavrador em Minas, pergunta como pode ajuizar da riqueza de um cortiço (colmeia).

R. Para ajuizar da riqueza de uma colmeia ou cortiço, pratica-se da maneira seguinte:

Espera-se que as abelhas tenham todas entrado no cortiço; dá-se uma pancada com o dedo na parte inferior do cortiço e observa-se o rumor que produz o enxame; se o zumbido, que se segue depois de aquietada se renova repetidas vezes, signal é que o cortiço está bem povoado e abastecido. Quando a população é diminuta, e as provisões pobres, o som do cortiço é claro, o zumbindo agudo e cessa de subito.

A Exma Sra Dr. Maria Luisa, noviça em assumptos apículos, como nos diz em sua prezada carta, pergunta-nos, como se deve guiar para conhecer e distinguir as abelhas, obreiras, zangões e mestra ou rainha.

R. As obreiras são as menores teem abdomen curto e triangular, asas compridas e grande actividade; os zangões são grandes, de cabeça arredondada, olhos muito desenvolvidos e abdomen muito grosso; as rainhas ou mestras, são pouco menores que os zangões, asas curtas, abdomen comprido e dotados de pouca agilidade.

O Snr. Antonio de Paiva desejando comprar uma propriedade, deseja saber o que significa as expressões *alqueire* e *arefa* e quanto valem em metros ou hectares.

R. Chama-se por convenção *alqueire* a área de terreno em que se pode plantar um alqueire, isto é 40 litros de sementes.

Nos Estados do Sul admitte-se dois typos para unidade do alqueire agrario. Assim é que em S. Paulo e Paraná elle corresponde á área de 50 braças de frente e 100 de fundo, ou 5.000 braças quadradas, o que é igual a 24.^{m2} 200.000 ou 2 hectares e 42 ares, enquanto que no Rio Grande do Sul, Minas, E. Santo e Rio de Janeiro o alqueire corresponde a cem braças de frente por cem de fundo, ou de 10.000 braças quadradas, o que é igual 48.^{m2} 400 quadrados, ou ainda 4 hectares e 84 ares.

— Pedro José das Neves, lavrador na Bahia, pergunta, o que se chamam, no arado, peças relhas e aiveca.

R. A relha é a parte perfurante do arado, com corte horizontal, e onde começa o levantamento da terra ou leiva, já cortada pela rega. A sua acção é o corte horizontal, que separa a leiva do fundo do rego. E' também chamada ferro, folha.

A aiveca é a peça que recebe a leiva cortada pela rega e relha, e lhe imprime o movimento para o completo e perfeito caimento da terra. A' aiveca também dão o nome de telha.

PAULINO CAVALCANTI,
Superintendente do Horto da Penha.

Secretaria

FEVEREIRO DE 1910

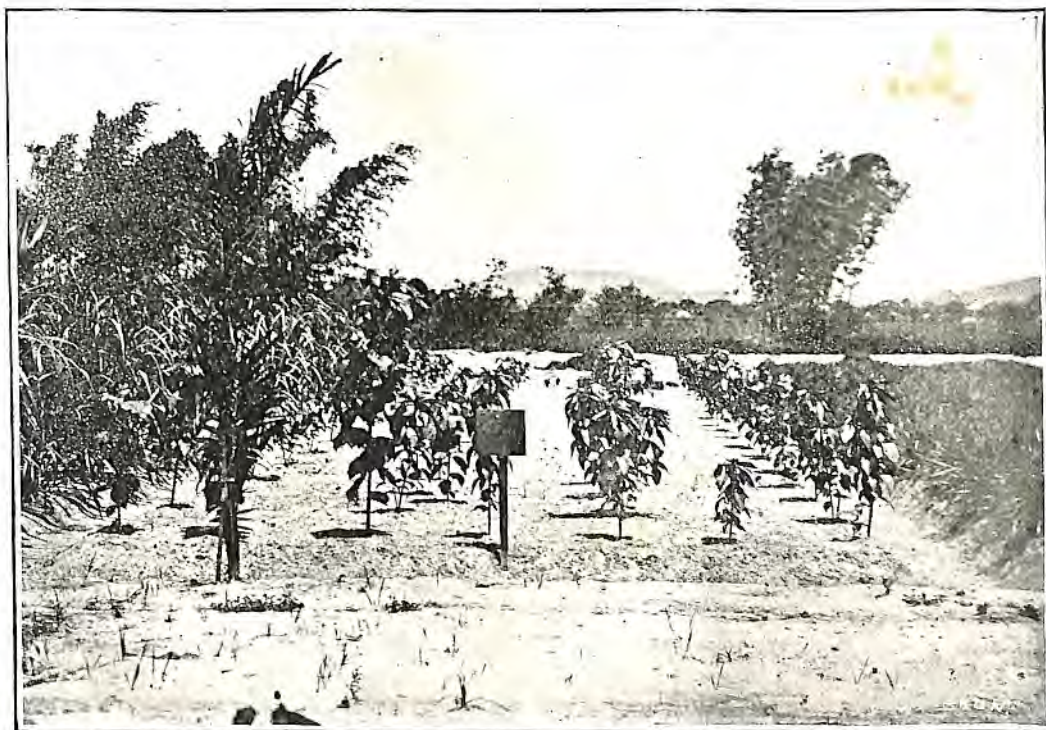
Correspondencia recebida

Cartas	475
Officios de Governos.	24
» de particulares.	2
Telegrammas.	7
Circulares.	23

HORTO DA PENHA



Viveiro de mudas de Abio



Cultura de Gitirana

Correspondencia expedida

Cartas	371
Officios de Governos.	14
» de particulares	1
Telegrammas.	31
Circulares.	3,226
Diplomas	62
Revista « A Lavoura »	2.941

Secção de fornecimentos

Arame farpado e grampos

Pedidos satisfeitos.	26
Rolos de 40 k	419
» de 20 »	130
Metragem	199,238
Grampos para as cercas.	571 kilos

Custo

Preço no mercado.	8:288\$000
» fornecido pela Sociedade	5:543\$000
Economia realizada pelo socio.	2:745\$000

Secção das applicações Industriaes do alcool. Movimento de propaganda no mês de Fevereiro

Foram feitas 3 exhibições comapparelhosa alcool, sendo 1 na capital (centro) e 2 em suburbios, tendo funcionado 5 apparelhosa illuminação durante 5 noites, consumindo 36 litros de alcool de 40°.

Forneceram-se 162 litros alcool de 40° a diversos.

Total do alcool consumido neste mês 198 litros.

Fornecimentos feitos aos socios pela Sociedade Nacional de Agricultura

Tirando partido de seu character de associação, já prestigiada com o numero de mais de 2.500 socios, a Sociedade, no intuito particular de demonstrar a utilidade e o mechanismo dos syndicatos agricolas, emprehendeu favorecer os seus socios com

Gallinhas as melhores poedeiras, baratissimas, Horto da Penha, Estação da Penha

o supprimento de generos estrangeiros e nacionaes a preços mais reduzidos do que os do commercio a varejo.

Com esse proposito e valendo-se dos favores aduaneiros que a lei confere ao Syndicato Central dos Agricultores do Brasil, tem fornecido arame farpado e respectivos grampos.

Além disso e mediante contractos especiaes, tem fornecido a preços reduzidos, formicida, alcool, machinas agricolas e outros objectos.

Revedo todos os seus contractos e fazendo outros que começam agora a vigorar, a Sociedade está habilitada a fornecer os seguintes generos, em cujos preços não estão incluídas as importancias de embalagem, de despacho e de frete.

Arame farpado para cercas

rolo de 26 kilos com 160 metros de fio a . . .	7\$200
rolo de 40 kilos com 402 metros de fio a . . .	11\$000

Accessorios para as cercas

Grampos para prender o arame	\$360 o kilo
Moirões com 2 metros de altura	1\$500 cada um
Pilares » » » para os cantos	3\$400 »
Varetas para as cercas	\$450 »
Esticadores com manivela	5\$200 »
» com moitões	5\$200 »

Enxadas bem calçadas de aço

	Universal	Radiante	Raio	Cruz Vermelha
de 2 libras.	1\$200	1\$400	1\$250	1\$450
de 2 1/2 libras.	1\$300	1\$500	1\$350	1\$500
de 3 libras.	1\$450	1\$600	1\$500	1\$580
de 3 1/2 libras	1\$570	1\$750	1\$600	1\$740
de 4 libras.	1\$680	1\$900	1\$700	1\$830

Foices

Ns. 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10 11 e 12 — aos preços respectivamente de Rs. \$600, \$670, \$730, \$800, 1\$000 1\$130, 1\$300, 1\$500, 1\$600 e 1\$800.

Machados

Estreitos:

sortidos de 3 a 4. 39\$000 a duzia

Largos:

sortidos de 3 a 4. 40\$000 »
 de 3 1/2, duzia 41\$000 ; de 4, duzia 45\$000 ; de 4 1/2, duzia 48\$000 ;
 de 5, duzia 51\$000 ; de 5 1/2, duzia 56\$000 ; de 6, duzia 62\$000

Machinas agricolas

Moinhos para fubã:

Marca patente — N. 6 por 31\$; n. 8 por 36\$; n. 10 por 41\$;
n. 12 por 50\$; n. 14 por 60\$, n. 16 por 63\$;
n. 18 por 75\$000.

Marca Try — N. 8 por 52\$; n. 10 por 67\$; n. 12 por 83\$; n. 14
por 96\$; n. 16 por 120\$; n. 18 por 130\$000

Debulhadores de milho:

Coloniaes	5\$200
Black	8\$600
Clinton\	21\$000
Aguia	40\$000

Arados americanos:

N. O, 18\$; n. OO, 20\$; n. B 1, 26\$; n. A 1 1/2, 33\$; n. A 2, 36\$; n. A 3,
40\$000

com disco reversiveis:

20", 170\$000; 24", 210\$000

Cavadeiras:

para *tirar terra*

americanas, com 2 pás 10\$200

para *café*

3 £ — Rs. 1\$300; 3 1/2 £ — Rs. 1\$400

Pulverizadores:

Brauer n. 1. 62\$000

são applicados na exterminação dos parasitas que atacam os arvoredos, com os ingredientes liquidos que forem aconselhados.

Além destas a Sociedade fornece installações completas para o preparo do arroz e do café, mediante previos ajustes sobre os quaes o socio lavrador gosará de abatimentos que oscillam de 5 a 10 % sobre os respectivos preços de catalogos, sendo gratuito os transportes nas estradas de ferro federaes.

Lacticinios

Installações completas para as industrias de lacticinios pela Casa Hopkins Causer, com abatimento de 5 %, sobre o preço do catalogo.

Colmeias

Com os mais modernos aperfeiçoamentos pelo preço

de 18\$000

Saloxo

Um preparado de sal e peroxydo de ferro proprio para alimentação do gado, é economico e asseado, em tijolos de 5 kilos, não sujando as baias ou lugares onde são collocados e sem desperdicio. Preço 190 réis o kilo.

Nota.—Se o socio pedir de uma só vez 500 ks., gosará o abatimento de 10 %; de 1.000 ks. para cima o de 15 %.

Formicidas

Paschoal

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma 16\$000

Merino

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma 16\$000

Schomaker

Caixa com 6 botijas de 1 1/2 litro cada uma 22\$000

Alcool

De força de 40°, em latas de 18 litros, pelo preço das vendas em pipa, o que corresponde a uma redução de cerca de 10 %.

Antisepticos

Creolina Pearson. 2\$000 a lata c/1 litro

Cresolina Werneck 1\$100 » » » »

A mais reputada das creolinas de fabricação nacional

Electro Sanitas \$500 o litro

Preparado do Sr. Octavio Santos Moreira, de magníficos resultados obtidos para a exterminação de insectos nocivos as plantas e gafeira dos carneiros

Diversos

Pós para gósma — de gallinhas — específico re-			
commendado	lata	1\$200	
Sulfato de cobre para tratamento de plantas. .	kilo	\$650	
Sulfato de ferro.	»	\$250	
Sal amargo.	{menos de 60 kilos.	»	\$250
	{mais de 60 kilos.	»	\$100
Sal de Glaubert	{menos de 60 kilos.	»	\$230
	{mais de 60 kilos	»	\$150

Enxofre:

em flor caixa 11\$000

Mercurio marca Boi:

caixa com 50 grammas 1\$000; com 100, 1\$700; com 200, 3\$100;
com 400, 5\$700

Escovas de raiz para animaes.

N. 115, 6\$500; n. 116, 7\$500.

Escovas francesas para animaes.

N. 115, 9\$600; n. 116, 10\$500; n. 117, 11\$500.

Tesouras:

para podar, n. 27. uma 4\$200
para tousar animaes. » 4\$200

Machina:

para tousar animaes. » 4\$600

Raspadeiras:

com asa. » 4\$300
com cabo » 4\$100
reforçados » 8\$000

Correntes para arado e para carroça.

Elo curto:

1/8, kilo 950; 3/16, kilo 850; 1/4, kilo 770; 5/6, kilo 730; 3/8, kilo
680; 17/16, kilo 660; 1/2, kilo 650; 5/8, kilo 640; 3/4, kilo, 640;

Elo comprido:

3/16, kilo 780; 1/4, kilo 750; 5/16, kilo, 730.

Chocadeiras e Criadeiras:

A Sociedade tendo adquirido em boas condições algumas *chocadeiras e criadeiras* cede-as a preços reduzidos.

Os lavradores que bem conhecem os altos preços que costumam pagar, podem apreciar a vantagem extraordinaria dos preços que a Sociedade está habilitada a lhes proporcionar, e que representam economias de 5 a 40 %.

A economia proporcionada na aquisição do arame farpado, em relação aos preços correntes no mercado, é respectivamente de 2\$300 e de 6\$000, para os rolos de 26 e 40 kilos.

Até o fim do anno ultimo, 31 de dezembro de 1909, a economia proporcionada á lavoura com os nossos fornecimentos, foi de 189:828\$640 não computados o supprimendo de plantas e sementes e os transportes gratuitos concedidos. No anno de 1909 a economia importou em 96:464\$740.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores
do Brasil, á rua da Alfandega, 108

Sendo um dos fins da Sociedade demonstrar os efeitos do regimen de associação sobre a vida financeira da lavoura, e sendo condição essencial desse regimen a pontualidade dos associados, os fornecimentos especiaes da Sociedade serão limitados exclusivamente aos socios quites.

Para os obter o interessado deverá satisfazer as seguintes condições:

1ª, ser socio quite da Sociedade Nacional de Agricultura;

2ª, ser agricultor, apresentando disso provas bastantes, a juizo da Directoria da Sociedade;

3ª, formular o pedido directamente á Sociedade e por escripto;

4ª, pedir sómente para o seu proprio consumo, indicando o nome e a situação da propriedade a que destina o emprego do producto;

5ª, enviar á Sociedade, juntamente com o pedido, a sua importancia, ou uma ordem para o seu pagamento contra casa commercial, ou bancaria, com séde na Capital Federal.

A Sociedade se reserva o direito de negar fornecimento a quem peça ou tenha pedido para outrem, ou tenha repartido com outra pessoa, ainda que associada, generos anteriormente fornecidos e procederá de igual modo quando souber ou tiver motivo para suppor que o pedido é feito com intuito de commercio.

Instituindo esses serviços directos, procura a Sociedade desempenhar de modo mais util o seu compromisso de se constituir em centro de auxilios á lavoura, distribuindo-os de preferencia por intermedio de seus socios.

Com o mesmo intuito concederá aos socios despacho gratuito nas vias ferreas federaes a plantas, sementes, machinas agricolas, ainda quando adquiridas sem a sua intervenção, e prestará informações que lhes forem pedidas sobre assumptos agricolas e pastoris, tomando conhecimento das queixas e reclamações dos lavradores associados, advogando-as quando justas, perante quem de direito.

Socios entrados para a Sociedade Nacional de Agricultura no mês de Fevereiro de 1910

Tenente-coronel Lourenço Pereira Ribeiro.

Coronel Joaquim Pinto de Resende.

Francisco Augusto de Resende.

Antonio Figueira de Ornellas.

Coronel Symphronio de Campos.

Pedro José da Trindade.

Secundino dos Santos Mello.

Clemente Dias da Trindade.

Manoel José da Silva.

Jarbas Guimarães.

Antonio de Queiroz C. Mattoso.

Gastão Taveira.

Manoel Teixeira de Campos.

José Gabriel Ferreira da Silva.
Coronel Domingos Custodio de Azevedo Pinto.
Gustavo Lopes Cançado.
Capitão Francisco Antonio Malaquias.
Dr. José de Azevedo Silva.
Henrique Suckow Joppert.
João Gama Bentes.
Julio Costa.
Elpidio Soares Dias.
Romero Carvalho.
Coronel Joaquim Vieira Mendes Junior.
Padre Cicero Romão Baptista.
Tenente Leopoldo Bernardino de Andrade.
Major Antonio Moreira da Silva.
Capitão Joaquim Silvestre da Silva.
Major Isolino Santos.
Dr. Cicero Freire.
Cooperativa Agricola Leopoldinense.
Candido José do Couto.
Coronel Pedro José de Sousa.
Coronel Leopoldo de Sousa Leão.
Bernardo Thinimig.
Francisco de Paula Gontijo.
José Rodrigues da Costa.
Sociedade de Agricultura do Alto Purús.
José Nunes Ferreira.
Alfredo Luiz do Prado.
Syndicato União Agricola S. João de Muquy.
Francisco Modesto da Costa.
José Assumpção Pimenta.
Stanisláo Zambagyecki.
Coronel Polyleio de Freitas Morão.
Coronel Sebastião Magalhães Pereira de Castro.
Pedro Ribeiro Alvares da Silva.
Joaquim José Teixeira.
Aurelio Machado de Oliveira.
Roberto Emery.
João Silvestre Teixeira.
Tito Livio Figueira.
Pedro Ferreira Penna.
Thomaz de Aquino Carvalho.
José Monteiro Pinto.
Antonio Carneiro Monteiro.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos
Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108

Firmino Domingos Dias.
 Virgílio de Aguiar.
 Godofredo Corrêa da Silva.
 Pedro Augusto de Carvalho.
 Cooperativa Agrícola de Oliveira.
 José Affonso Fontainha Sobrinho.

Sócios que subscreveram para o « distintivo » durante o mês de Fevereiro

Dr. Luiz Bello.	20\$
Adolpho Augusto da Silveira	20\$
José Augusto Maia	20\$
João Baptista Ferreira	15\$
Carlos Renaux	15\$
Olympio Joaquim Villela.	10\$
Geraldo Ribeiro da Silva Resende	10\$
Gabriel Pereira de Lacerda.	10\$
Urbino de Sousa Vianna	10\$
Dr. Miguel A. de Sousa Vianna	10\$
José [Pereira da Rocha	10\$
	150\$

PARTE COMMERCIAL

Mês de março

Café

As vendas realizadas durante o mês foram de 169.000 saccas, contra 151.000 em igual mês de 1909.

As entradas attingiram a 181.834 saccas e os embarques a 199.128.

A existencia verificada ao terminar o mês era de 291.300 saccas.

As cotações que vigoraram foram:

	Por arroba	Por 10 kilos
N. 6	7\$600 a 7\$800	5\$174 a 5\$311
N. 7	7\$500 » 7\$600	5\$106 » 5\$174
N. 8	7\$300 » 7\$400	4\$970 » 5\$038
N. 9	7\$100 » 7\$200	4\$834 » 4\$970

Algodão em rama

Durante todo o mês as entradas foram avultadas, mas o *stock* não augmentou em virtude dos grandes embarques para S. Paulo que se acha desaperebido e procura comprar para entregas immediatas.

Os depositos nos mercados exportadores acham-se muito reduzidos e as entradas vão em mingua sensivel, de sorte que os preços alli regulam mais 10 % acima dos que vigoram em o nosso mercado ; isto quanto a 1ª quinzena, pois na 2ª, a alta tambem se manifestou aqui.

O movimento geral do mercado, no decurso do mês, foi como se segue :

		Fardos
Existencia no dia 28 de fevereiro		29.571
Entradas na 1ª quinzena :		
Maceió	4.719	
Mossoró	3.852	
Pernambuco	2.760	
Sergipe	1.065	
Parahyba	740	
Penedo	700	
Ceará	594	
Assú	550	
Maranhão	279	
Natal	201	15.459
		45.030
Entradas na 2ª quinzena :		
Mossoró	4.212	
Sergipe	1.988	
Penedo	1.934	
Maceió	1.529	
Natal	1.400	
Assú	910	
Pernambuco	675	
Parahyba	652	
Piahy	360	
Ceará	300	
Maranhão	241	14.201
		59.231
Saída dos trapiches		26.471
Existencia no dia 31 de março		32.760

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108

Preços :

	10 kilos
Pernambuco	15\$000 a 17\$000
Rio Grande do Norte.	14\$500 » 16\$500
Ceará	15\$200 » 17\$000
Parahyba	15\$000 » 16\$500
Penedo.	14\$600 » 16\$200
Sergipe.	14\$200 » 16\$000

Assucar

Na primeira quinzena o mercado manteve-se animado, fazendo-se muitos negócios, tendo havido subida nos preços, fechando firme o mercado; na segunda as entradas avolumaram-se, havendo alguma paralysação nos negocios; mas os informes de que a safra em Pernambuco já está muito adeantada e a insistente procura para a Europa tem reanimado o mercado que ficou firme e com probabilidade de alta nos preços.

Neste periodo entraram de diferentes procedencias	125.259 saccas
Saíram	114.373 »
Existencia avaliada em 31 de março.	299.391 »

Os preços por kilo foram os seguintes :

Pernambuco :

Branco crystal.	\$280 a \$310
Dito 3ª sorte.	\$300 » \$320
Crystal amarelo	\$260 » \$270
Mascavinbo	\$250 » \$270
Somenos.	\$250 » \$260
Mascavo bom	\$200 » \$210
Dito regular	\$190 » \$200
Dito baixo	— —

Sergipe :

Branco crystal.	\$270 a \$320
Crystal amarelo	\$250 » \$270
Mascavinbo	\$220 » \$270
Mascavo bom	\$205 » \$210
Dito regular.	\$190 » \$195
Dito baixo.	— \$180

Campos :

Branco crystal.	\$295 a \$320
Dito 2º jacto.	— —
Crystal amarelo	— —
Mascavinbo	— —

Bahia :

Branco crystal.	\$300 » \$330
Dito 2º jacto	\$280 » \$290

Aguardente

Durante todo o mês o mercado se manteve firme, convindo assignalar que, na primeira quinzena, os preços, na maioria das procedencias, subiram 5\$ por pipa.

Os supprimentos, no mesmo periodo, attingiram a 541 pipas, cujas cotações por unidade e base de 20 grãos regularam assim :

Paraty	115\$000 a 120\$000
Angra	100\$000 » 105\$000
Campos.	90\$000 » 95\$000
Maceió	90\$000 » 95\$000
Bahia.	90\$000 » 95\$000
Pernambuco	90\$000 » 95\$000
Aracajú.	90\$000 » 95\$000
Sul.	90\$000 » 95\$000

Alcool

As entradas verificadas durante o mês foram de 1.134 volumes de diversas procedencias.

As cotações, por pipa, sem o casco, fizeram-se do modo seguinte :

40 grãos	130\$000 a 135\$000
38 »	120\$000 » 125\$000
36 »	110\$000 » 115\$000

Arroz

Os supprimentos recebidos nesse periodo constaram de 5.112 saccos por cabotagem ; 134.458 kilos pela Estrada de Ferro Central do Brasil ; 190.595 kilos pela Leopoldina Railway ; 840 ditos pela Cantareira e 18 ditos pela Companhia Sapucahy.

Saíram dos trapiches no mesmo periodo 6.408 saccos.

Os preços regularam da maneira seguinte :

	Por sacco
Superior.	29\$500 a 30\$000
Inferior	26\$000 » 28\$500
Rajado	23\$500 » 26\$000

Alfafa

Vieram ao mercado, por cabotagem e pela Estrada de Ferro Central, 7.065 fardos, vendendo-se de 180 a 190 réis por kilogramma.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100\$ e joia de 50\$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura

Amendoim

Chegou tão sómente um sacco pela Companhia Therezopolis.

A cotação foi de 24\$500 a 25\$500 por 100 kilogrammas.

Banha

Os supprimentos recebidos constaram de 19.999 caixas por cabotagem, 27.670 kilos pela Estrada de Ferro Central e seis caixas pela Companhia Leopoldina.

	Por kilogramma
Porto Alegre (lata de 20 kilos).	1\$100 a 1\$180
» » (» » 2 »).	1\$060 » 1\$180
Itajahy	1\$100 » 1\$200
Laguna.	1\$040 » 1\$080

Batatas

Entraram por cabotagem 2.102 volumes; pela Estrada de Ferro Central 394.279 kilos; pela Leopoldina 24.255 volumes e pela Companhia Therezopolis 379.

Os preços variaram de 210 a 300 réis por kilogramma.

Farinha de mandioca

Os supprimentos recebidos durante o mês constaram de 29.964 saccos por cabotagem; 122 ditos pela Estrada de Ferro Central; 80.494 ditos pela Leopoldina Railway; 18.720 ditos pela Companhia Cantareira e 261 ditos pela Therezopolis.

As cotações por saccos de 45 kilos, regularam:

Especial.	9\$500 a 10\$200
Fina.	8\$200 » 8\$600
Peneirada	7\$400 » 7\$800
Grossa.	6\$400 » 6\$760

Feijão

Durante o periodo alludido entraram por cabotagem 43.178 saccos; pela Estrada de Ferro Central do Brasil 393.951 kilos; 20 577 saccos pela Leopoldina Railway; 567 ditos pela Companhia Therezopolis e 22.084 pela Companhia Cantareira.

Os preços soffreram grandes oscillações, devido ás qualidades, tendo vigorado os seguintes por sacco de 60 kilos:

Porto Alegre (superior).	10\$000 a 12\$500
Santa Catharina (idem)	Nominal
Manteiga	14\$500 a 16\$000
Enxofre	15\$000 » 16\$000
Mulatinho.	13\$500 » 14\$500
Cores diversas.	6\$500 » 14\$000

Fumo em rôlo

Houve sempre procura com negocios regulares realizados, fechando o mercado firme.

As entradas constaram de 10.663 volumes por cabotagem e 286.686 kilos pela Estrada de Ferro Central.

As cotações fizeram-se assim :

	Por kilogramma
De Minas, especial.	\$900
Dito superior	\$800
Dito 2ª.	\$700
Dito ordinario.	\$600
Goyano especial.	2\$000
Dito superior	1\$600
Baixo	1\$300
Rio Novo, superior	1\$200
Dito 2ª.	1\$000
Dito baixo	\$800
Pomba superior.	1\$100
Dito 2ª.	\$800
Dito baixo	\$600
Carangola	1\$000
Picú, especial.	2\$000
Dito 1ª.	1\$600
Dito 2ª.	1\$200
Bahia	1\$600

Manteiga

Constaram os supprimentos de 529 caixas por cabotagem ; 219.423 kilos pela Estrada de Ferro Central ; 1.074 ditos pela Leopoldina Railway ; 1.267 ditos pela Companhia Sapucahy e quatro volumes pela Companhia Cantareira.

	Por kilogramma
Minas	2\$000 a 2\$400
Sul.	1\$800 » 2\$200

Mate

Receberam-se 774 volumes por cabotagem, sendo cotado de 500 a 700 réis o kilogramma.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108

Milho

Foram recebidos 9.737 saccos por cabotagem ; 320.749 kilos pela Estrada de Ferro Central ; 1.484.019 ditos pela Leopoldina Railway e 18.887 pela Cantareira.

O mercado conservou-se frouxo durante todo o mês, havendo até baixa nos preços.

As cotações, por sacco de 62 kilos regularam como se vai ler :

Norte, amarelo	4\$000 a	3\$500
Terra, »	5\$500 »	4\$700
Dito, » misturado.	4\$800 »	4\$400

Polvilho

Entraram 200 volumes por cabotagem, 14.284 kilos pela Estrada de Ferro Central, três volumes pela Companhia Leopoldina e dois pela Cantareira, regulando o preço de 200 a 220 réis por kilogramma.

Tapioca

Vieram ao mercado 142 volumes por cabotagem, sendo vendida á razão de 300 a 320 réis por kilogramma.



BIBLIOTHECA

A Bibliotheca da Sociedade Nacional de Agricultura recebeu, durante o mês de fevereiro findo, as seguintes publicações :

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

Boletín de la Dirección de Fomento, anno VII, n. 11, correspondente ao mês de novembro de 1909, Lima Perú.

Revue Illustrée, de Paris, n. 23, dezembro de 1909.

Latina, de Paris. anno II, ns. 6 e 7, janeiro 1910.

France — Brésil, de Bordeaux, organe du Commerce et de l'Industrie de la France et du Brésil.

La Nature, revue des sciences, de Paris, anno 38, correspondente ao mês de janeiro de 1910.

Italia e Brasile, de S. Paulo, anno II, n. 1, de janeiro de 1910.

Menico Pinetta a Roma, fascículo em verso, de Genova, Italia.

Boletín de la Sociedad Agrícola del Sur, de Concepción (Chile), dezembro de 1909.

Revista de Sociedade Matto Grossense de Agricultura, Cuyabá, Mato Grosso, anno I e II, 1907 e 1908, ns. 1 a 6.

Anales de la Sociedad Rural Argentina, anno XLII, vol. LXVI, de Buenos Aires, novembro e dezembro de 1909.

L'Agricoltura Coloniale, anno III, n. 6, Firenze, Italia, novembro e dezembro de 1909.

Boletín de Estadística Agrícola, vol. I, n. 1, Roma, Italia, janeiro de 1910.

A Vida Moderna, anno V, n. 69, S. Paulo, fevereiro de 1910.

Estación Central Agronómica, boletins ns. 9 a 16, de Santiago Cuba — 1908.

Boletín internacional de las Repúblicas Americanas, Ybr Washington, janeiro de 1910.

Bulletin du Syndicat Central des Agriculteurs de France, n. 543, de fevereiro de 1910.

The Live Stock Journal, vol. 51, ns. 1 a 3, Chicago, janeiro de 1910.

The Southern Cultivator, vol. 68, n. 2 de janeiro de 1910.

Gazeta das Aldeias, anno XV, n. 736, do Porto.

Revista Commercial e Financeira, anno XVI, n. 702, Rio, fevereiro de 1910.

Journal d'Agriculture Tropicale, anno X, n. 103, janeiro 1910, de Paris.

Bollettino del Ministero di Agricoltura, di Industria e Commercio, anno IX, vol. I, Roma, Janeiro de 1910.

Art del Pagés, anno 34, n. 903, janeiro de 1910, Barcelona.

La Quinzaine Coloniale, Paris, janeiro 1910.

Experiment Station Record, vol. XXI, n. 7, dezembro de 1909.

Agricultural Experiment Station, boletins ns. 138, 139, 141 e 142.

Secretario de Agricultura Comercio y Trabajo, Estación Experimental Agronómica, de Santiago de las Vegas, Cuba, circulares ns. 34 e 36, 1909.

La Hacienda, de Buffalo, Estados Unidos, janeiro de 1910.

Exportador Americano, vol. LXV, n. 1, janeiro 1910.

Boletín de la Sociedad Nacional de Agricultura, Republica de Costa Rica, anno III, ns. 20 a 24 e anno IV, n. 1, 1909-1910.

Revue Generale Agronomique, anno XVIII, n. 12, 1909.

Revue de Viticulture, anno XVII, n. 842, 1910.

Imperial Department of Agriculture. 1909.

Boletins de la Sociedad Agrícola Mexicana, tomo 34, n. 4, Mexico, 1909.

Chambre de Commerce Française, Rio, janeiro de 1910.

The Louisiana Planter de New Orleans, vol. 44, ns. 4 e 5, janeiro de 1910.

Revista di Agricoltura, anno de 16, n. 3, de Parma, 1910.

Boletim da Associação Commercial do Rio de Janeiro, anno 7, n. 8.

Boletim da Associação Commercial de Santos, S. Paulo.

Bulletin de la Société des Viticulteurs de France, n. 1, janeiro 1910.

O problema Zootechnico em S. Paulo, folheto offerecido peio autor, a quem agradecemos a distincção da remessa, 1910.

Boletim de la Camara Agrícola, de Tortosa, Espanha, tomo 19, n. 209, fevereiro 1910.

Revista de la Sociedad Rural de Córdoba, Republica Argentina, n. 217, anno X, janeiro 1910.

Reglamento e programma de la Exposición Internacional de Agricultura, offerta da Sociedade Rural Argentina.

Memorias do Instituto Oswaldo Cruz, fasciculos 1 e 2, tomo I, 1909.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Instruções para obtenção da subvenção. Este folheto trata da subvenção de 300\$ mensaes que será concedida pelo governo de Minas aos particulares que, em estabelecimentos agricolas proprios, instituirem e mantiverem processos aperfeiçoados de cultura mechanica, satisfazendo as condições do respectivo contracto.

Reglamento para o serviço de Terras Publicas do Estado de Minas Geraes.

Esclarecimentos sobre a Propaganda Agricola e mais Leis e Regulamentos do Estado de Minas Geraes.

Defesa á Industria extractiva da borracha, discurso pronunciado pelo Sr. Dr. José Ferreira Teixeira na Camara dos Deputados do Estado do Pará, na sessão de 22 de outubro de 1909.

Catalogos

The Avery Manufacturing Comp., Peoria, Illinois, Estados Unidos. Machinas para tracção e arados a vapor.

Catalogo do Engenho Stamato. Fabrica de fundição e officina mechanica, Avenida Martin Burchard, 146, S. Paulo.

Catalogue des Trieurs Brenetès, de Emilie Marot et Comp. Machinas para a lavoura.

Representante no Brasil Raoul Cauzard. Rua de São Pedro, 23, Rio de Janeiro.

Établissements d'Horticulture. Catalogo de horticultura para 1908-1909.

ESTATUTOS

CAPITULO II

DOS SOCIOS

Art. 8.º A sociedade admite as seguintes categorias de socios :

Socios effectivos, correspondentes, honorarios, benemeritos e associados.

§ 1.º Serão socios effectivos todas as pessoas residentes no paiz que forem devidamente propostas e contribuirem com a joia de 15\$ e a annuidade de 20\$000.

§ 2.º Serão socios correspondentes as pessoas ou associações, com residencia ou sede no estrangeiro, que forem escolhidas pela Directoria, em reconhecimento dos seus meritos e dos serviços que possam ou queiram prestar á sociedade.

§ 3.º Serão socios honorarios e benemeritos as pessoas que, por sua dedicação e relevantes serviços, se tenham tornado benemeritos á lavoura.

§ 4.º Serão associadas as corporações de character official e as associações agricolas, filiadas ou confederadas, que contribuirem com a joia de 30\$ e a annuidade de 50\$000.

§ 5.º Os socios effectivos e os associados poderão se remir nas condições que forem preceituadas no regulamento, não devendo, porém, a contribuição fixada para esse fim ser inferior a dez (10) annuidades.

Art. 9.º Os associados deverão declarar o seu desejo de compartilhar dos trabalhos da sociedade. Os demais socios deverão ser propostos por indicação de qualquer socio e apresentação de dois membros da Directoria e ser accetos por unanimidade.

Art. 10. Os socios, qualquer que seja a categoria, poderão assistir a todas as reuniões sociaes, discutindo e propondo o que julgarem conveniente; terão direito a todas as publicações da sociedade e a todos os serviços que a mesma estiver habilitada a prestar, independentemente de qualquer contribuição especial.

§ 1.º Os associados, por seu character de collectividade, terão preferencia para os referidos serviços e receberão das publicações da sociedade o maior numero de exemplares de que esta puder dispor.

§ 2.º O direito de votar e ser votado é extensivo a todos os socios; é limitado, porém, para os associados e socios correspondentes, os quaes não poderão receber votos para os cargos de administração.

§ 3.º Os socios perderão sómente seus direitos em virtude de expontanea renuncia ou quando a assembléa geral resolver a sua exclusão por proposta da Directoria.

REGULAMENTO

CAPITULO VI

DOS SOCIOS

Art. 18. A sociedade prestará seus serviços de preferencia aos socios e associados quando estiverem quites com ella.

Art. 19. A joia deverá ser paga dentro dos primeiros tres mezes após a sua accitação.

Art. 20. As annuidades poderão ser pagas por prestações semestraes.

Art. 21. Os socios e os associados se poderão remir mediante o pagamento das quantias de 200\$ e 500\$, respectivamente, feito de uma só vez e independente da joia, que deverão pagar em qualquer caso.

Art. 22. Os socios e associados não poderão votar, nem receber o diploma, sem terem pago a respectiva joia.

§ 1.º O socio que tiver pago a joia e uma annuidade, poderá remir-se mediante a apresentação de 20 socios, desde que estes tenham igualmente satisfeito aquellas contribuições.

§ 2.º Para esse effeito o socio deverá requerer á Directoria, provando seus direitos nos termos do paragrapho anterior.

§ 3.º Serão considerados benemeritos os socios que fizerem donativos á sociedade, a partir da quantia de um conto de réis.

Art. 23. Para que os socios atrazados de duas annuidades possam ser considerados resignatarios, nos termos dos Estatutos, é preciso que suas contribuições lhes tenham sido solicitadas por escripto, até tres mezes antes, cabendo-lhes ainda assim o recurso para o conselho superior e para a assembléa geral.

HORTO DA PENHA



MUDAS DE JACA